

OSCAR MASOTTA  
*Tradução:*  
Maria Aparecida **Balduino** Cintra

“O  
COMPROVANTE  
DA  
FALTA”

**LIÇÕES DE INTRODUÇÃO À PSICANÁLISE**

## SUMÁRIO

Prólogo . . . . .	9
Capítulo I . . . . .	15
<i>Origem da psicanálise. Sexualidade e Saber. Instabilidade do objeto da pulsão. O sexo como cisão.</i>	
Capítulo II . . . . .	35
<i>O Falo e o nível de "direito". Lugar teórico da falta. A pulsão de Saber. A histeria e a defesa. Desejo e linguagem. Resumo e discussão.</i>	
Capítulo III . . . . .	55
<i>Lapsos e o que se quer dizer. Comunicação e compreensão. O significante. O chiste como modelo. Resumo e discussão.</i>	
Capítulo IV . . . . .	81
<i>O sonho e a realização do desejo. O desejo é a articulação. O terceiro desejante e o "par" da histerica. Dora, Isabel de R.</i>	
Capítulo V . . . . .	97
<i>Psicanálise, Medicina, Saber. O corpo se erogeniza em um mau lugar Resumo e discussão.</i>	
Capítulo VI . . . . .	111
<i>A função do corte. O pai e a imagem. O pai morto. Totem e Tabu: bricolage de discursos. Resumo e discussão.</i>	

When I prepared this little talk for you, it was early in the *morning*. I could see **Baltimore** through the window and it was a very interesting moment because it was not quite daylight and a neon sign indicated to me every minute the change of time, and naturally there was heavy traffic, and I remarked to myself that exactly all that I could see, except for some trees in the distance, was the result of thoughts, **actively** thinking thoughts, where the function played by the **subjects** was not **completely** obvious. In any case the so-called Dasein, as a definition of the subject, was there in this rather intermittent or fading spectator. The best image to sum up the unconscious is Baltimore *in* the early morning.

Jacques Lacan

Quando preparei esta palestra para vocês, era de manhã cedinho. Eu podia ver Baltimore pela janela, e era um momento muito interessante porque não tinha amanhecido completamente e um sinal luminoso me indicava a cada minuto a mudança da hora, e naturalmente havia um tráfego intenso, e eu *fiz* para mim mesmo a observação de que exatamente tudo que eu podia ver, exceto algumas árvores à distância, era o resultado de pensamentos, pensamentos ativamente pensantes, onde a função desempenhada pelos sujeitos não era completamente óbvia. De qualquer maneira, o assim chamado **Dasein**, como definição do sujeito, estava lá nesse expectador bastante esmaecido ou intermitente. A melhor imagem para sintetizar o inconsciente é Baltimore de manhã cedinho.

Jacques Lacan

## PRÓLOGO

Devo agradecer ao doutor Cipriano **Jiménez** e ao doutor José Rodriguez Eiras o convite que me deixou, um dia, abrir os olhos ante o regozijo da perene beleza dos rios galegos. Entre as “*vielen bunten Bildern*”<sup>1</sup> de gastas-arestas, recolhidas e plastificadas em cartões que o viajante pode adquirir em qualquer **tabacaria**<sup>2</sup> e o Colégio Médico da Comarca de Vigo, estendia-se para mim, como para qualquer um, a insondável **pujante** geografia humana, mescla tão europeia que sempre apaixonará a **um** latino-americano, a força visual, estética, da terra continuamente lavrada, a riqueza da terra e a pobreza do camponês, fábricas de automóveis, casas de uma arquitetura de janelas niveladas à parede.

Sendo que a audiência que **frequentou** em Vigo meu seminário no **transcurso** dos **dias** 26 e 27 de **novembro** de 1976, reunindo médicos, psiquiatras, psicólogos, pediatras, assistentes sociais, estudantes, foi o **me-**

1. “*vielen bunten Bildern*” — no original. Poderia ser traduzido literalmente por: “imagens muito multicoloridas”.
2. estanco de tabaco — no original. Trata-se de pequenas **CASAS** de comércio comuns em toda a Espanha, onde o consumidor pode encontrar diversos e pequenos objetos de uso pessoal como: canivetes, aparelhos de barbear, isqueiros, etc., inclusive cigarros, filmes fotográficos e cartões-postais. Em português não há uma palavra precisa para estes pequenos estabelecimentos, optamos então por aquela que chega mais perto da imagem que, supomos, o autor pretende estabelecer.

lhor testemunho de que **minha** função nesta ponta da Espanha “**não** era completamente **óbvia**” e que ante as “apresentações” de paisagens e de pessoas, eu era muito mais um “espectador intermitente”.

Em dois dias e em nove horas de trabalho, teria que introduzir à audiência os pontos básicos da **teoria psicanalítica**. Cumprindo o tempo, o trabalho realizado revelou-se insuficiente. Marcamos um encontro no mês seguinte para darmos continuidade ao seminário, e, nos dias 28 e 29 de janeiro deste ano, voltei a falar durante mais de nove horas perante os mesmos que haviam me escutado na vez anterior. Tampouco, desta vez, o empreendimento pôde chegar a seu **término**: abertos certos temas, outros apareceram, **com** razão, inacabados. **O** resultado da experiência e os ouvidos cada vez mais atentos induziram-me à idéia de publicar em uma série de pequenos volumes o que, com sorte, poderá chegar a ser um esboço dos eixos fundamentais de uma maneira de entender Freud. Intitulei “Resguardo de **la** falta” <sup>3</sup> ao presente volume destas lições, pensando, via **significante**, tanto no **Sorge heidggeriano** como no significado, habitual na Espanha, da palavra “resguardo”: recibo, comprovante de inscrição, papel que é prova.

À intenção: introduzir a psicanálise, fazendo uso de palavras simples, de termos que não fossem “técnicos”. É possível não banalizar as idéias? Se difícil, não deveria ser impossível. A dificuldade não está nos termos, nem nos desvios, nem nos acidentes de sua significação; está muito mais nas idéias e nos hábitos e também na posição do interlocutor, isto é, na audiência. Falar de introdução à psicanálise não significa dizer que quem “introduz” é o conferencista, já que todo discurso

3. “Resguardo de la falta” — Considerando a advertência que o autor faz a respeito da palavra: “resguardo”, via **significante** a tradução seria: “**O** comprovante da falta”.

origina-se no lugar do outro. Minha audiência galega — para **dizê-lo** de maneira impressionante mas, sem o afã de impressionar — foi tudo o que tive naquela primeira oportunidade.

Se me permitem, **então**: o presente volume é minha audiência e, também, é de minha audiência. Devo, desde já e, por isso mesmo, agradecer a ela por ter podido desenvolver minha hipótese **fundamental**: é necessário voltar a Freud, isolando suas idéias da grande parte restante da evolução pós-freudiana da doutrina, tudo isso sem violentar as idéias, mas devolvendo às palavras a capacidade de assombrar. A teoria psicanalítica está nos textos de Freud. Mas o que significa ler Freud? Terão refletido sobre o fato nada insignificante de que um seminário termina com palavras efetivamente proferidas e que estas não são alheias à teoria, já que não existe teoria que não esteja construída com palavras? Mas terão refletido, além disso, sobre outro fato, o de que a boca pode ser algo mais que uma mera "cavidade primária"? \*

Propomos, então, e sem nos afastarmos excessivamente da maneira de falar de Freud, construir uma referência de base que poderia permitir-nos uma leitura de ida e volta constante até o texto freudiano e seus fundamentos. Sem fazer juízo sobre o valor e o alcance da teoria de Melanie Klein, não existe, por acaso, uma diferença entre seus textos e os textos freudianos? Aí onde a psicanálise infantil gera o conceito ao contato, eu não diria da "experiência", mas do exemplo, Freud pode uma e outra vez pensar o conceito e voltar, sem se referir ao exemplo, àquilo que o fundamenta.

A noção de "relação de objeto" é bem pouco freudiana. Dizer tão cruamente, como nós, que a pulsão não tem

\* Ver, por exemplo, René A. Spitz. *The first year of life*.



objeto, significa, em primeiro lugar, uma posição crítica perante qualquer psicologização dos conceitos da **teoria**. Os autores pós-freudianos têm falado de desenvolvimento em termos de etapas "anobjetais", "protobjetais"; nós entendemos que tal terminologia é ambígua, já que sempre há objeto. O que deve ser estudado no desenvolvimento da criança são as etapas da constituição do Outro. Freud falava das *identificações primárias* e da *escolha do objeto*: em ambos os casos o objeto era, em primeiro lugar, o pai e/ou a mãe.

Portanto, estaria equivocado quem visse neste primeiro volume de *Lições de introdução à psicanálise* a intenção de nos tornarmos autores pela invenção de conceitos. Repetimos que não se tratará de criar termos, mas sim, de não deixar de assinalar o limite que o conceito em questão não poderia ultrapassar sem destruir os fundamentos da própria teoria psicanalítica. Afirmar que, em primeiro lugar, trata-se apenas da "falta de objetos", não é mais que demarcar tal limite.

*Barcelona, março de 1977*

Tentarei uma iniciação aos conceitos básicos da teoria **psicanalítica**: a obra de Freud. Isto é, começarei a contar a vocês, ao longo de seis reuniões, as articulações de base da teoria psicanalítica freudiana.

Quando cheguei à Galícia, estava imbuído de um certo otimismo.

É que faz tempo que não ministrava, propriamente, um curso de "introdução à psicanálise". Mas, ocorre que, no que diz respeito à Psicanálise, a questão não é como começar a formular idéias, mas sim **algo** que tem a ver **com** a sua prática.

Talvez eu devesse pedir que me prestassem uma "audição **espontânea**"<sup>4</sup>. Talvez chegássemos, então, a poder falar a linguagem da teoria. Esta linguagem não se parece **com** a linguagem cotidiana (mas isso ocorre **com** toda linguagem **científica**).

4. ... que me preste una oreja espontánea — no original. Significa algo como: compreensão imediata, sem dificuldades por parte daquele que escuta. "Escutar com facilidade": uma qualidade referente ao ouvinte, que ouve o que lhe é dito com tanta naturalidade, que entende prontamente, rapidamente, o que lhe está sendo transmitido.

Ver também: ... "(O estilo de seu ensino era atento a esta determinação daquele que escuta)"... Germán L. Garcia — História e Transmissão (Em: Dualidade Psíquica — O Modelo Pulsional — Oscar Masotta — Ed. Papyrus, 1986 — pág. 7 — par. 2).

Linguagem **peculiar** em primeiro lugar. Visto que se alguém entrasse neste recinto ao término de meia hora, já não nos poderia entender. Ou melhor, essa pessoa poderia pensar que, mentalmente falando, não estamos muito bem de saúde. Mas isso porque não teria escutado nossas razões **iniciais**: as palavras que utilizaremos valem no interior da teoria que tentaremos reconstruir. Toda conceitualização é *sui generis*. Por isso mesmo, não teremos por que nos inquietar.

Tratarei de ser simples. Digamos, em primeiro lugar, que falaremos de um campo específico. **O** campo específico da teoria psicanalítica. **O** campo de sua prática e de sua teoria. Este campo teórico-prático pouco **tem** a ver com a Psicologia, com a Psicologia Geral, a Psicologia Evolutiva. É o campo das articulações do sujeito descrito em termos da teoria freudiana (de sua evolução, sua estrutura e das conseqüências dessa "evolução" e dessa **estrutura**).

A melhor maneira de fazer uma "introdução à Psicanálise" consistiria, talvez, **em** conduzi-los à idéia de que tal coisa não é fácil, e sugerir que a história seria um bom ponto de partida, que talvez teria que começar pelas origens históricas da psicanálise, voltar à época dos primórdios. Recordar que o criador da psicanálise é Sigmund Freud e que a psicanálise **tem** a ver **com** os avatares de sua própria vida, **com** a maneira pela qual ele vai descobrindo o inconsciente, construindo, posteriormente, a teoria. A melhor maneira talvez de conseguir uma "introdução à psicanálise" consistiria em considerar, carinhosamente, a experiência de Freud, evocar a experiência das origens.

Seríamos conduzidos à história do encontro do hipnotismo e da psiquiatria, à França da época de Charcot. Em suas apresentações das terças-feiras, Charcot

demonstrou que mediante a hipnose se podia produzir sintomas semelhantes aos da histeria. Em 1885, durante sua bolsa de estudo na França, Freud pôde presenciar tais experiências na "La *Salpêtrière*": e também a produção das paralisias experimentais. Os pacientes tinham experiências que não **retinham** na consciência. A hipnose mostrava a existência de coisas que não estavam na consciência e que tinham efeitos sobre o comportamento e a vida desperta dos sujeitos. A estada em Paris e a sua **viagem** a Nancy colocaram Freud em contato com tais experiências e novas **idéias**: que, na relação **com** o hipnotizador o paciente podia produzir e suprimir sintomas, a idéia da existência de dois níveis do psiquismo, a idéia de que a história se relacionaria **com** coisas sexuais. Mas de que maneira se conectava a histeria com a sexualidade? Desde os gregos, até então, sempre se havia pensado que a enfermidade era feminina, já que "histeria", como diz o próprio nome, vem de "útero". Em seu tempo, Freud esteve ao lado daqueles que contrariavam essa crença e, pode-se dizer assim que a psicanálise começa com algo que vai nesta **direção**: tratando de separar a enfermidade psíquica do sexo biológico. É importante **dizê-lo** assim, pois parece paradoxal que a psicanálise, que como "todo o mundo" parece saber, tenta conectar o psiquismo **com** a sexualidade; origina-se, historicamente, negando a relação da histeria **com** o útero.

Numa conferência de 1886, na qual deve informar perante a sociedade médica de Berlim sobre sua viagem à França, Freud mostra como a histeria é também **uma** enfermidade de homens, e ainda, **de** maior interesse para nós, que um trauma psíquico pode estar na origem do sintoma histérico, que a causa da histeria pode ser psíquica, que a histeria depende de acontecimentos **en-**clausurados no passado.

Esta idéia, seguramente, incomodou bastante os mestres de Freud, os médicos da sociedade **berlinense**.

Em resumo, uma teoria que relacionaria o sofrimento psíquico **com** a sexualidade começa separando a histeria da genitalidade, descrevendo a causa em termos de trauma, **instalando-a**, além disso, no passado psíquico, por assim dizer. Se fôssemos obrigados a definir, em poucas palavras, em que consiste este campo psíquico, que constitui o campo da prática e da teoria da psicanálise, teríamos que dizer que se constitui a partir de uma reflexão sobre a sexualidade. Mas, desde então, a sexualidade passa a ser algo que não **tem** a ver **com** o Saber cotidiano. Ponto difícil, desde que não se queira dizer que o verdadeiro "saber científico" sobre a sexualidade seja privilégio do psicanalista. Quer dizer outra coisa e ainda o contrário. Quer dizer que a indagação freudiana da sexualidade delimita um campo onde o sexo ficará isolado do Saber, e, neste sentido, o campo da psicanálise é diferente do Saber cotidiano sobre o **sexo**: não porque o psicanalista sabe mais, mas sim porque separa o sexo do Saber. A Psicanálise é, então, "**não-Sexologia**". **Se** os sexólogos tivessem razão, a psicanálise não teria existido, já que não haveria histéricos, nem obsessivos, nem fóbicos: as pessoas não adoecem por ignorar as regras biológicas, mas porque há algo bem enigmático no sexo. Se a sexualidade deve ser reprimida, como mostrou Freud, a culpa não reside na sexualidade em si, mas no que a sexualidade contém de enigmático. Quando se reprime é porque não se quer saber nada sobre algo que exige ser reconhecido. Bem, o que aqui exige ser reconhecido é que não há Saber . . . unido ao sexo.

Podem ler esta idéia na edição espanhola das *Obras Completas* de Freud, na primeira página do primeiro dos

"Três Ensaios", obra de 1905 que encontrarão sob o título de *Uma teoria sexual*. Por pior que se leia, é impossível não se ler nessa primeira página tal idéia. Freud diz aí que há uma concepção vulgar da sexualidade (**mas** que é a dos médicos, do **sexólogo**), que consiste em crer que a sexualidade não existe na vida infantil, que o sexo faz sua irrupção na puberdade e que somente se define na vida adulta. Essa definição da sexualidade do adulto significa — é a crença vulgar — que o sujeito está de início, comprometido, prometido a seu objeto, o objeto da exigência normal do instinto sexual. Freud entende por "objeto" a pessoa da tendência, a pessoa para a qual se dirige a exigência sexual (esclareço, porque em textos pós-freudianos a palavra "objeto" terá um desenvolvimento **diferente**). De tal modo, e segundo esta definição da sexualidade na vida adulta, o sujeito buscará um objeto (que lhe será dado) e a realização de um ato, o ato sexual. Um objeto e um fim, o coito. Está aí, em resumo, todo o Saber vulgar sobre a sexualidade; mas, poderia se dizer **mais**: todo Saber pré-freudiano ou não-freudiano sobre a sexualidade.

Logo, nessa primeira página que comento, tal concepção do sexo fica imediatamente controversa. Verdadeira reviravolta histórica que "faz" data, eu diria como se diz desses barcos que "fazem" água porque vão se afundar. **O** que, então, iria a pique seria a idéia da criança inocente e do adulto normal. A primeira coisa que Freud vai mostrar é que não é certo que durante a vida infantil não haja sexualidade. **Bem** ao contrário, já que aos cinco anos, na teoria freudiana, a criança já tem definida sua estrutura sexual, e aquela que despontará na puberdade não será diferente da estrutura já constituída na primeira infância. Mas, além disso — e aqui está o ponto que nos interessa — que a relação que une o **su-**jeito a seus **objetos** sexuais não é tão **forte** . . . isto é, que

essa relação de **définição** é bastante instável, que o objeto é o que mais pode variar, o que o sujeito mais pode mudar, e também que o fim procurado pode ser outro e diferente do coito normal. Começa, então, um longo capítulo sobre as *perversões sexuais*. Capítulo que "faz" história e que nenhum "trabalhador da saúde mental" deveria ignorar, já que é a partir do primeiro dos "Três ensaios" que as perversões adquirem racionalidade, ficam integradas a uma teoria sobre os transtornos psíquicos ou a um discurso sobre sofrimentos e terapias. É a primeira vez que tal **tipo** de discurso — o discurso psicanalítico — se constitui sem necessidade de expulsar as **perversões** sexuais de seu campo. Ou mais ainda, um discurso que não só outorga racionalidade à perversão sexual (que se permite pensá-la, torná-la **inteligível**), mas que também, de alguma maneira, afirma que sua própria racionalidade como discurso depende do que as perversões sexuais nos mostram e nos obrigam a indagar. Esse é o discurso freudiano.

Antes de Freud ou nos tempos de Freud, já existiam "tratados" sobre a sexualidade. Por exemplo, a famosa *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing, ou os trabalhos de **Havellock Ellis**. Mas naqueles textos não se fazia mais que descrever os **infinitos** tipos de **perversões**: um catálogo de todas as possibilidades sexuais pervertidas. Mas eram descrições realizadas a partir do exterior: as próprias perversões não adquiriam nenhum interesse, graças a essas descrições, nada que fosse mais além do escândalo de sua **existência**. As perversões naqueles textos ainda pertenciam ao campo da patogenia incompreensível. É bem diferente do que ocorre no discurso freudiano.

Em primeiro lugar, a indagação das perversões sexuais serve a Freud para a constituição de seu próprio campo de conceitos. Surge, assim, o conceito de "pulsão",

que Freud distingue do instinto animal. A pulsão (**alemão: *Trieb***) tem para Freud como característica fundamental a instabilidade do que a liga ao objeto. Em termos de definição, teríamos, então, que dizer que em Freud e em primeiro lugar — e está na base da teoria — não há uma relação de determinação da pulsão do seu objeto. Isto é, a pulsão não tem um objeto determinado, natural. Que a relação de determinação da pulsão a seu objeto não é uma relação de determinação necessária. Então, para que vocês possam medir a conseqüência deste ponto de partida de Freud, não é tão fácil, por exemplo, dizer o que é um coito. "Todo o mundo" sabe o que é um coito. Porém, se aceitarmos o conceito freudiano de pulsão, eu diria, já não será tão fácil dizer o que é um coito. E da mesma maneira, sendo aceito este ponto de partida, podemos deixar de escutar as pessoas quando falam de "relações sexuais". Quero dizer, deixar de escutar aqueles que acreditam que "sabem" sobre esse "objeto" de que estão falando. Outra **conseqüência**: pensemos nas relações entre Psiquiatria e Psicanálise. Ainda hoje, em 1976 (deveríamos nos envergonhar do que dirão a nosso respeito os historiadores que um dia se ocuparem de nós) há psiquiatras que rejeitam a psicanálise, sem deixar de outorgar à sexualidade um lugar na etiologia da enfermidade mental. Pois bem, o que distingue esses psiquiatras da psicanálise é que eles continuam insistindo, afirmando que sabem sobre o sexo.

Para delimitar o campo da teoria, deve-se começar dizendo que a pulsão — ao contrário do instinto animal — não tem objeto. Essa idéia é fundamental. E somente a partir dela pode-se passar a falar das **outras** duas grandes idéias através das quais a psicanálise se constituiu enquanto **tal**: o inconsciente freudiano (digo "freudiano" porque houve um inconsciente antes de



**Freud**), e a "transferência"; isto é, que o que ocorre entre médico e doente não é inocente, e, além disso, tem a ver com toda possibilidade de terapêutica futura. Algo que tem a ver **com** o passado do paciente que ele repete durante o tratamento e na sua relação com o analista. Tais são as grandes idéias (como **chamá-las?**): que a pulsão não tem objeto, o inconsciente freudiano, a transferência. Não tratarei de maneira explícita do inconsciente freudiano (na verdade, não deixarei, um só instante, de referir-me a **ele**). Nem tampouco da transferência. Em vez disso, caminharei sobre esta idéia **concreta**: que não há relação de determinação da pulsão ao seu objeto, que nenhum dado natural liga a pulsão ao objeto. Tal idéia, é óbvio, não é fácil. Freud não a encontrou, por acaso, numa das curvas do caminho. Gomo a própria psicanálise, tem uma **história**: a do tempo do seu descobrimento, a maneira pela qual, paulatinamente, Freud vai extraíndo-a, deduzindo-a de um contexto contraditório. Convém, neste ponto, deixar-se guiar por aqueles que estudaram as origens da psicanálise (pode-se ler, por exemplo: L. Chertoke e R. de Saussure, *Naissance du psychanalyste*, Payot, Paris **1973**: ou também — livro mais acadêmico, **mais** cuidadoso — Ola Anderson, *Studies in the prehistory of psychoanalysis*, Stockholm, Sveska, Bokforlaget, 1962.)

Sabe-se que **tem** especial relevância, no começo desta história, a relação de Freud com Breuer, que havia tratado a famosa Ana **O.**, jovem histérica que apresentava uma sintomatologia bem abundante; e havia conseguido certos efeitos terapêuticos importantes apenas deixando a paciente falar, induzindo à rememoração do passado e, principalmente à palavra. "Talking cure", como batizou o tratamento a própria Ana **O.**

De sua volta da viagem à França e depois de ter tirado certas conclusões das experiências que havia

observado em Salpêtrière e em Nancy (a existência de um nível inconsciente da vida psíquica, o poder da sugestão hipnótica na produção e na eliminação de sintomas, as paralisias **artificiais**, a estranha relação do sintoma histérico **com** a anatomia, as histerias pós-traumáticas, a evidente alusão à sexualidade no ataque **histérico**). Freud convida a Breuer para publicarem juntos um trabalho. Nasce, então, em 1895 os *Estudos sobre a histeria*. Coisa **curiosa**: o capítulo mais teórico do livro é escrito por Breuer e não por Freud. Curioso, já que, casualmente, a idéia que Freud encontrava — a conexão **com** a sexualidade — era a mesma sobre a qual Breuer nada queria saber. Breuer escreve, então, aquele capítulo para mostrar como a histeria era o produto automático de **uma** divisão da personalidade psíquica; os sintomas não significavam mais do que essa cisão. Breuer inventa duas **entidades**: a histeria da retenção e a histeria hipnóide. Digo que inventa, porque nem uma nem outra descreviam dados clínicos observáveis, ou melhor, permitiam observar tudo o que ocorria na experiência clínica, menos o essencial. Isto é, passavam por alto tanto da repressão da sexualidade cravada no sintoma histérico, como da relação de transferência do paciente **com** o médico. Os *Estudos sobre a histeria* estão assinados por Freud e por Breuer, porém, se lermos com atenção, veremos até que ponto Freud mostra certa cautela em relação às idéias de Breuer. Quando Breuer tratou Ana **O.** teve que confrontar-se **com** certos fenômenos de transferência para sua pessoa dos desejos sexuais da paciente. Ana **O.** tinha fantasiado que estava grávida de Breuer. Esta gravidez histérica atemorizou Breuer. Tanto Charcot como Breuer, duas personalidades de peso na formação de Freud, reconheciam a conexão da sexualidade com a histeria, mas não permitiam que tal reconhecimento passasse para suas idéias nem para sua clínica.

Contra as duas invenções nosográficas de Breuer, lê-se nos *Estudos* como Freud, por seu lado, esboça uma entidade nosográfica nova: **fala** da histeria de **defesa**. A entidade não teria uma história posterior, pois, como se sabe, o fato da defesa (isto **é**: a repressão) **não** caracteriza para Freud um tipo específico de histeria, mas define a própria histeria. Mas serviu a Freud para assinalar, contra Breuer, que a histeria era o resultado de uma defesa, que o paciente produzia sintomas e cindia sua personalidade psíquica para conseguir a rejeição de certas representações que lhe eram **intoleráveis**: essas representações eram de conteúdo sexual. Aqui está um ponto na história das origens da psicanálise que é preciso conservar na memória. Começa, então, a história do **conceito** freudiano de inconsciente. No entanto, tratarei de sugeri-lo em seguida, trata-se, apenas, do começo.

As idéias descobertas derrapavam sobre si mesmas, o terreno era escorregadio. Freud deu o primeiro passo, mas só depois veio a verdadeira história da teoria psicanalítica. Afirmar a etiologia sexual da histeria era um passo de indubitável importância histórica, mas, por sua vez, suscitava problemas. Por que a sexualidade podia tornar-se intolerável e produzir efeitos patogênicos? Que se deve entender por sexo? Poder-se-ia construir uma teoria com a idéia que cada um tem da sexualidade, **com** o saber vulgar ou médico sobre o sexo? E, se o sexo pode ser reprimido, o que há no sexo que o faz reprimível? Suponhamos que se responda que a culpa não é do sexo, porém, que sempre ocorreu que certas sociedades, certas culturas, proibem determinadas práticas sexuais. Porém, tal posição não esclarece muito: de um lado porque nem todas as sociedades proibem o mesmo tipo de prática sexual, já que há comportamentos sexuais que algumas não toleram, mas que outras

aceitam perfeitamente, e, inclusive, a nível de suas normas, as recomendam. Além disso, se todas proibem a sexualidade ou certos aspectos determinados da sexualidade, o que é que torna esses aspectos proibitivos? Como se vê, a questão não é simples. **O** que há no sexo, o que é que o liga ao que deve ser reprimido? Ou, melhor ainda, o que faz com que o reprimido deva ser reprimido? Mas, já não tentamos um esboço de contestação para tal questão?

Então, para intrigar os espíritos, eu poderia contar-lhes uma estória divertida, citando as palavras de uma certa senhora, que, cada vez que se mencionam coisas sexuais, não deixa de intervir e repetir que tais coisas, para ela, são maravilhosas e que aqueles que dizem que as pessoas reprimem a sexualidade nunca entenderam **Freud**. Por que haveria alguém de se defender de alguma experiência sexual já que — diz ela — o sexual é prazeroso por natureza? **Confessa** sentir-se muito bem em qualquer experiência sexual e expressa **com** franqueza não só sua amplitude de critério, mas também a capacidade de **suas** possibilidades para adaptar-se muito bem em muitas e bem variadas experiências sexuais. Vê-se que mais além do cômico ou do invejável da vida de tal senhora — se é que ela não mente — ela nos devolve a nosso enigma. **O** que existe de fato no sexual que faz **com** que o sexual deva ser abatido pela repressão?

**O** problema mereceria ser levado **em** conta e pelos próprios psicanalistas. Conheci psicanalistas que o ignoravam. Já o dissemos que em 1905 Freud tenta o começo de uma resposta para tal enigma, que o sujeito reprime é o **sexual**, **mas** teria que **acrescentar**: somente a pulsão carece de um objeto pré-determinado. Dizendo de uma maneira banal: o que o sujeito reprime é que, em se tratando de coisas sexuais, tem que ordená-las sozinho. Nem a pulsão lhe facilita a determinação do

objeto, nem **tem** Saber do objeto que a pulsão poderia determinar. -

O que está em jogo no sexo é o Saber do objeto. A pulsão não facilita esse Saber. Neste sentido, poder-se-ia **afirmar** que o conceito de inconsciente é **isomorfo** à razão pela qual o sexo deve ser reprimido; ou melhor, o inconsciente é simétrico e inverso a essa **razão**: | *O sujeito não sabe sobre aquilo que está na origem dos sintomas que suporta (está aí o inconsciente), porque nada quer saber sobre o fato de que não pode saber que não existe Saber sobre o sexual.* Pode-se revirar esta fórmula de todas as maneiras que se queira; sempre — a meu entender — ver-nos-emos conduzidos a algo que tem a ver seriamente **com** o inconsciente freudiano.

Mas poderia dar um exemplo bem simples para conduzir-nos ao ponto ao qual quisera agora poder chegar: ou bem as coisas sexuais devem ser incluídas na classe das coisas ininteligíveis, ou bem há coisas sexuais que nos introduzem a idéia de que são enigmáticas. Porém, um enigma não é algo ininteligível, mas sim algo que propõe uma questão e exige uma resposta. Pensemos, por exemplo, no fetichismo. Por que um objeto, às vezes um trapo sujo, e inclusive malcheiroso, pode tornar-se preferível à pessoa do sexo oposto? Como existem seres que se dão melhor corri trapos do que **com** pessoas? Pergunta bem lacanianiana. Como é que existem seres que podem alcançar o orgasmo com um trapo insignificante, banal, ou um objeto sujo; mas sempre e quando tal objeto cumpre certas, determinadas condições?

Em 1905, Freud dedicou-se ao fetichismo no primeiro dos *Três Ensaio*s. Em 1905, começa a elaborar sua teoria sobre o desenvolvimento da libido. Libido é uma expressão, dizia Freud, para o instinto **sexual**. Ou melhor, uma palavra para significar a pulsão, a que por definição carece de objeto. Vocês conhecem a teoria

clássica desse desenvolvimento a que seria modificada por **Abraham**, Melanie Klein, Fairbairn. O que Freud então nos veio dizer **é que** a sexualidade do adulto tem a ver **com** certas maneiras que tem a criança de referir-se a seus primeiros objetos. Freud chamou "etapas" a essas **maneiras**: uma maneira oral, uma maneira anal **etc.** O **importante**: é que essas maneiras eram espécies de "patterns" <sup>5</sup> através dos quais a criança erogenizava seu próprio corpo. E além disso, que o corpo erógeno (o corpo sexuado, capaz de atingir o gozo do adulto) forma-se na idade infantil, que tudo já está decidido a partir dos cinco anos. Em 1905, Freud descreve três "etapas" e um "período" a que chamou "período de latência". Uma etapa oral (cujo modelo corporal é a relação do sujeito **com** o seio **materno**), uma etapa anal (a **relação** narcisista do sujeito infantil **com** seus próprios **excrementos**). Esta última adquiriria uma especial relevância, na história da teoria pós-freudiana (**Abraham**), a partir da descrição que Freud havia feito sobre a influência da etapa anal nas condições de caráter e especialmente na neurose obsessiva. Finalmente Freud descreve, em 1905, uma etapa genital a que segue o período de latência, na qual a estrutura do sujeito é recebida nos moldes da masculinidade ou da feminilidade. Observa-se, ao passar do tempo, que masculinidade e feminilidade não são para Freud propriedades do ponto **de** partida do desenvolvimento do **sujeito**, mas do ponto de chegada, término desse desenvolvimento.

Mas não faríamos justiça às idéias **freudianas** se deixássemos de nos referir à história posterior, quero dizer, à utilização pelos discípulos do conceito de desenvolvimento da libido. Poderíamos dizer, talvez sem exagerar, que essa história teve um sentido negativo, inclusive

5. "patterns" — **NO** original. Significa: "padrão" ou algo que se repete frequentemente.

trágico, pois desprezou o postulado freudiano fundamental: a instabilidade do objeto da pulsão. O resultado foi uma utilização excessiva da noção de "frustração", da idéia de que, no efeito patogênico, sempre se pode ver o resultado de uma privação, e inclusive a idéia de que toda agressão é resultado de uma frustração. O par conceituai frustração-agressão, que é possível encontrar-se não somente em textos psicanalíticos, mas, denominando melhor, em textos de psicologia geral ou psicologia animal, não é freudiano. Se o sujeito agride porque alguém lhe frustra — é fácil compreendê-lo — será porque deve estar bem seguro de que o objeto da frustração era exatamente o que necessitava. O que pode muito bem ocorrer quando o que está em jogo é a necessidade biológica. Mas o caso da pulsão é outro. A noção da frustração conduz à idéia de que o objeto da privação é real e portanto confunde o postulado freudiano de que exigência pulsional não tem objeto, que não o tem determinado, que ao menos não o tem de início. Em resumo: a teoria do desenvolvimento da libido pode conduzir ao desvio de um certo empirismo, a uma concepção reificada do objeto.

Há duas maneiras de evitar esses desacertos. Por um lado, distinguindo — como na teoria lacaniana — entre a necessidade (biológica) e a procura (cujo fundamento é a procura de amor).

Mais ainda, estes dois registros não esgotam o campo do sujeito, já que é necessário, além disso, introduzir o desejo. A outra maneira é começando bem pelo início; isto é, pela questão do Falo. Esta última será a que estudaremos hoje.

Retornemos, por um instante, à história. Dizer como Freud que o patogênico residia em algo ocorrido no passado, que esse passado tinha a ver com a sexualidade

infantil, não significava nada mais que começar a delimitar o complexo de Édipo. Entre 1893. e 1896, Freud insiste na idéia de **trauma**: uma sedução da criança por um adulto tem sido o acontecimento real que origina a neurose. A partir de tal teoria, tenta inclusive uma espécie de nosografia, trata de distinguir a neurose obsessiva da histeria. No primeiro caso, o trauma de sedução tinha sido vivido ativamente, inclusive agressivamente; no segundo, este foi suportado **passivamente**. Freud vê além e por trás de toda sintomatologia algo assim como uma enfermidade de base com estrutura histórica: um trauma de sedução suportado passivamente na primeira infância. Freud não tinha inventado a questão do trauma de sedução; obteve-o de sua experiência clínica, do relato de seus pacientes. Mas logo, em 1897, deveria abandonar a teoria do trauma. Cita-se sempre uma carta de Freud a Fliess de 1897 (de 21 de setembro), na qual, **com** pesar, confessa a seu amigo que já não acreditava em sua "neurótica", isto é, na teoria traumática e na utilidade das conseqüências que dela havia extraído. Freud tinha descoberto que os pacientes mentiam, que as cenas sexuais relatadas sobre a primeira infância não tinham, na verdade, ocorrido. Mas, na mesma carta, Freud encontra a saída para tal encruzilhada, nada menos que o descobrimento do conceito de *fantasia*, pedra de toque e pivô fundamental do discurso analítico. De fato — reflete Freud — essas cenas sexuais não ocorreram na realidade, no entanto apareceram no relato do paciente, portanto indicam assim que as cenas foram *fantasiadas*. Mas já não havia em tal maneira de raciocinar algo bem peculiar? Algo que sem dúvida pertence — e de maneira mais íntima — ao discurso psicanalítico, e que, além do mais, tem a ver **com** a noção de verdade: o discurso do paciente torna-se *verdade* (aparece a fantasia) no mesmo momento em que a realidade



do referente (a cena sexual infantil) se manifesta como *falso*.

Nasce, então, na história da teoria, a noção de **fantasia**, termo que designa isso que não havia existido no real, senão no discurso do paciente, mas que por isso mesmo conserva sua capacidade de causa, seu poder patogênico. Fantasia de sedução em **primeiro** lugar, a que Freud outorgaria um estatuto novo, o de "protofantasia". A **protofantasia**, ou fantasia original de sedução, é concebida como estrutura fantasiosa referente a uma cena de sedução da criança por um adulto. Quando Freud disse profantasia (Urphantasie) quis dizer simultaneamente algo velho no tempo, arcaico, mas também algo constitutivo, alicerce da estrutura do **sujeito**. Em termos modernos, diríamos que a palavra denota e conota algo que se relaciona, ao mesmo tempo, **com** a história evolutiva e **com** a estrutura. Posteriormente, Freud agregaria a esta profantasia de sedução outras duas **protofantasia**s: a castração e a cena primária.

Protofantasia de cena primária: seria a visão (não interessa, a princípio, se real **ou** não) do coito parental. Psicanaliticamente **falando**: algo perturba o sujeito infantil, um motivo profundo de desgosto e medo. Quanto à profantasia de **castração**: em primeiro lugar, o importante é isso **mesmo**: que Freud outorga estatuto de "protofantasia" à castração. Seria outorgar um estatuto de fundamento arcaico e valor básico, valor de estrutura. Mas não delimita a soma das três profantasia s o próprio campo do complexo de Édipo?

Em primeiro lugar, o temor à retaliação paterna, se cumprido o desejo de dormir **com** a mãe (protofantasia da **castração**). Em segundo lugar a idéia de separar o casal parental, união insuportável que diminui a importância do sujeito para sua mãe (protofantasia da

cena **original**). E, finalmente, a idéia de uma relação **com** um adulto (protofantasia de sedução que aponta, na verdade, os pais como **objetos sexuais**).

Mas, o que se entende por complexo de Édipo? A ligação amorosa da criança **com** o pai do sexo oposto e a hostilidade contra o pai do mesmo sexo. Mas deixando de lado que Freud falava também de um Édipo invertido, homossexual e também da bissexualidade (a presença simultânea da heterossexualidade e da homossexualidade), nesta definição que poderíamos chamar de clássica, não ficaria assinalado que no Édipo contam mais coisas que os três personagens centrais da tragédia. Mais ainda, qual é o segredo da relação entre criança, mãe e pai?

Que é que no Édipo tem força "**causal**", capacidade em qualquer caso de mover as relações? Ou melhor, qual é o jogo que se estabelece ali? Em que estão as personagens interessadas? A criança em cometer o incesto, o pai em conservar a mãe. Mas, e a mãe? Não é tão simples.

A questão é que não se pode refletir sobre o Édipo freudiano, sem se entrar na questão do Falo. Mas, direi, em seguida, o que muitos **sabem**: imagino, porém, que não aqueles em **cuja** boca assoma um sorriso. Direi para **tranquilizá-los** que o Falo não é o pênis. Segundo termos de Freud, o Falo é a "premissa universal do pênis", isto é, a louca crença infantil de que não existe diferença entre os sexos, a crença de que "todo o mundo" tem pênis. Na teoria de Freud, parte-se desta posição do sujeito **infantil**: existe somente um órgão genital e tal órgão é de natureza masculina.

Deveríamos, daqui por diante, tratar de desconectar a questão do Falo das imagens. Se chamamos Falo à "premissa universal do pênis", o mínimo que nos cabe

aceitar então, é que o Falo é algo **não-representável**. Não se pode desenhar, não se pode esculpir um Falo.

E, mais importante **ainda**: é através da questão do Falo que a castração se introduz na estrutura do sujeito. O confronto da premissa, o Falo, **com** a diferença dos **sexos**: eis aí o que a teoria tem chamado complexo de castração. Seria o mesmo que dizer que a castração é a conseqüência imediata do Falo. O **sujeito** infantil — menino ou menina — parte da crença de que somente existe o pênis, que existe unicamente o genital masculino, e quando, com o tempo, descobre que existem dois sexos, que, anatomicamente, há seres que não possuem pênis, surge, então, o complexo de castração. O homem, ante o **confronto com o fato da diferença**, sente-se "ameaçado" em relação a seu genital. Ele o **tem** — esse pênis — mas poderia perdê-lo. Quanto à mulher, que não o tem, anseia tê-lo, inveja-o. Inveja do pênis e ameaça de castração: são termos que nomeiam o caso da mulher e do homem no interior dessa estrutura que Freud chamou de complexo de castração.

O complexo de castração é, então, a "inveja do pênis" na mulher. Mas não significa, de modo algum, privilegiar o homem. Ter um pênis não lhe assegura nada. A teoria freudiana, longe de ser antifeminista, oferece um ponto de partida adequado para sugerir o feminismo como necessidade e como discussão. Recomendando que se leia sobre este ponto um livro recentemente traduzido para o espanhol de uma **feminista inglesa**: Juliet Mitchel, *Psicoanálisis y Feminismo* (Editorial Anagrama, Barcelona, 1976).

Além disso, e como diz com perspicácia uma frase **conhecida**: "A essa mulher nada lhe falta". Idéia curiosa. Haverá mulheres às quais falte algo? Frase consolo?

Qual é a relação do pênis que falta na mulher e o **desejo** masculino?

Mas é interessante notar **que**: à mulher nada lhe falta, e isso se aplica a todas as mulheres e não somente a algumas. **O** que demonstra que não se entende a castração se partimos dos dados de fato.

A noção ou a estrutura freudiana de Complexo de Castração serve para que percebamos a função da falta, na constituição sexual do sujeito humano. Mas, se partíssemos dos dados de fato, não existiria falta. Para que algo falte é necessário partir de conjecturas, de coisas não realizadas. Em **resumo**: de dados *de direito* e não *de fato*.

## II

O real é algo tão cheio como um ganso depois de **se** lhe haverem comido todo o recheio. Para que exista falta, deve haver espera, um tempo aberto, algo por realizar-se, conjecturas. Ou **melhor**: exigências, um nível *de direito*. A falta surge na encruzilhada do nível *de fato*. É a partir do "deve haver" que algo pode faltar. Suponhamos que alguém entrasse agora nesta sala e nos dissesse qua faltam aqui poltronas roxas. Alguém, com mau humor, **pensaria**: aqui há as poltronas da cor que são e pronto. Para dar um exemplo engraçado: pensemos em um astronauta que da lua **tem** que transmitir à terra a descrição do solo lunar. O homem começa a caminhar sobre o piso lunar com suas enormes botas e transmite: "Caminho sobre um **solo** normal; há, agora, uma depressão, sinto que o solo desce; agora, a descida termina e o solo parece começar a ascender; na verdade, começa um aclave" **etc**. Mas suponhamos que, no momento em que houvesse declive, o homem transmitisse: "Falta, aqui, uma montanha".

Seria absurdo. **Bem**, a teoria e o objeto da psicanálise relacionam-se **com** um tipo de coisa semelhante a isso. **Com** um tipo de discurso, onde o real se parece um pouco **com** o solo de reconhecimento lunar. Vêm as conseqüências? Se eu dissesse — **como** na Bíblia — que

o homem nasce homem e a mulher nasce mulher, poderia atribuir depois, segundo os interesses do poder político, certos privilégios a um e tirá-los de outro. Mas, se parto da suposição de que um e outro estão voltados para uma exigência comum, o Falo (o “**deve** existir” somente o **pênis**), as coisas mudam bastante. Ter o pênis, para o homem, não significa vantagem **alguma**: se o tem, é porque pode perdê-lo. Sua situação não é melhor do que a da mulher que assume na referência fálica a inveja do pênis. Não há privilégio que venha fortalecer, então, a diferença anatômica. Irão retrucar que não é claro, que existe um certo privilégio; ou se quiserem, que a própria estrutura é masculina, já que o homem e a mulher permanecem referidos ao Falo. Que existe privilégio, já que é como se somente existisse a masculinidade, por mais que a descrevam sempre como perigo para o homem e ansiada pela mulher.

Na verdade, existe um texto de Freud no qual sugere que haveria uma só pulsão, de natureza masculina. Não duas pulsões, uma do homem e outra da mulher, mas sim uma e de natureza masculina para ambos. Mas aqui deveríamos deixar falar um raciocínio simples: se não há maneira de distinguir é porque não há distinção que possa ser utilizada **com** fins de poder. Se a pulsão do homem é masculina, de que lhe serve, já que a da mulher também o é?

Em 1923, Freud começaria a falar da "fase fálica". Dá, então, mais um passo. Fazia tempo que já havia reconhecido a importância da premissa universal do pênis no desenvolvimento psicosssexual. Mas agora sugeriria também o estatuto de “**fase**” do **Falo**: "etapa" ou "fase" do desenvolvimento da libido. Deveríamos deter-nos um instante e definirmos a expressão. "Fase" é algo que o sujeito deve irremediavelmente e **obrigato-**

**riamente** atravessar. Mas além disso, e durante a fase, aparece ou emerge uma estrutura de relação nova como os dentes de leite — **valendo-me** da comparação que faz Freud — que aparecem e logo caem para permitir o aparecimento da dentição definitiva. "Fase" significa definitivamente algo que se sucede no tempo, de modo obrigatório, e, além disso, o surgimento de uma relação nova com os objetos. Na fase oral, a relação **com** o seio materno, que desaparecerá (mas não é assim tão simples: voltaremos futuramente a este ponto) para permitir o aparecimento da fase anal, modelo da relação narcisista **com** o excremento (por sua vez, modelo do caráter, das **obsessões**).

Para que o Falo seja fase, pressupõe-se, então, obrigatoriedade e novidade naquilo que emergirá. Obrigatoriedade de fase? Mas para quem? Veja, para todos, tanto para o menino como para a menina. E teria que começar pelas conseqüências no desenvolvimento da sexualidade feminina, a qual, por sua vez, tem conseqüências para o desenvolvimento da sexualidade tanto do homem como da mulher.

O interessante da suposição de Freud não consiste, então, no descobrimento de que a sexualidade começa a estruturar-se desde muito cedo, mas, muito mais que isso é supor que essa sexualidade se estruturará em torno de uma **falta**: através do Falo, por onde há falta. Ou pela pulsão, a que não tem objeto determinado. Poderíamos dizer, para resumir, que na teoria de Freud *a falta tem lugar teórico*. E tal coisa ocorre porque se descobre na prática, na psicanálise como prática.

Dizíamos, a um instante atrás, que a base da teoria que tratamos de mostrar a vocês relaciona-se com a sexualidade, no sentido desta **pergunta**: **O** que é que há no sexo que o sexual ou algo de sexual deva sempre ser

reprimido? Não necessito insistir na **resposta**: de que o sujeito não quer saber nada (recusa original através da qual o inconsciente se mostra) é a própria estrutura da pulsão que não o conduz a um Saber desse objeto, já que por definição é o que ela tem de mais **instável**: o objeto. E ainda mais, ou simultaneamente, o sujeito nada quer saber do que o Falo articula ou **introduz**: que existe "corte" no real, fissuras, orifícios, feridas, ou seja a castração.

O sujeito não quer Saber nada do problema que diz respeito ao Saber do objeto, isto é, que não há "razões" para que haja objetos que faltam, mas estes faltam.

Mas estas faltas introduzidas pela estrutura da pulsão e a castração são estruturais. Por isso mesmo, são imprescindíveis teoricamente. Como explicar o que alguns psicanalistas têm chamado "campo da ilusão" sem referir-se a essas faltas, a esses curtos-circuitos do real introduzidos pelo **Falo**?

Compreende-se por onde pretendo abrir esta introdução à teoria psicanalítica; a necessidade de conceituar essa intersecção do nível de direito, a exigência **com** o nível de **fato**: o Falo, a castração, a estrutura da pulsão.

**Quando** falo de Saber, refiro-me a algo que **tem** a ver **com** essas faltas. O que só aparentemente resulta contraditório à descrição que Freud nos deu do sujeito infantil, a criança interessada no conhecimento das coisas sexuais. A criança, segundo Freud, quer Saber. A questão é que quer saber do que, casualmente, nada quer Saber. A partir daí que Freud descreveria ao menino Leonardo da Vinci interessado em uma investigação que deixaria sempre inacabada, atitude que repetiria quando **adulto**: Leonardo na investigação da natureza. O que Freud chama de "investigação sexual infantil"



é um impulso que, por assim dizer, encontra seu próprio freio em seus objetivos. O menino, esse investigador incansável de coisas sexuais, nada quer Saber daquilo que motiva sua **investigação**: *a diferença dos sexos*. Ou seja, que nada quer Saber do que não é certo que existe um só genital, o masculino. Se Freud outorga tanta importância à investigação sexual infantil, é, em primeiro lugar, porque suspeita das conseqüências sobre a sexualidade do adulto. E se verificarmos bem, não quer dizer nada mais que essa relação ao Saber (**própria** do **sujeito** infantil) é estruturadora da sexualidade. **Repetindo**: porque o Saber quer Saber de um objeto que a pulsão não consegue determinar.

Além do mais, neste sentido, a histeria é bem relevante para o **psicanalista**: por **definição**, entende-se por “**histérico**” ou “histérica” o sujeito incapaz de determinar o objeto de sua tendência sexual. A quem amo, a ele ou a ela? O que é que diz que eu sou mulher? Essas são as perguntas básicas da histérica. Então, o termo não é pejorativo. A estrutura histérica não descobre algo que pertence à própria estrutura da pulsão? Inclusive poder-se-ia dizer que histeria e teoria psicanalítica se parecem ao menos nesse **ponto**: ambas descobrem a instabilidade fundamental do objeto da pulsão. Ou melhor, que a relação ao objeto pertence, de alguma maneira, à zona de enigmas. Édipo não aparece confrontante a oráculos, a perguntas e ao destino, a enigmas? O Édipo é o relato mítico do incesto como destino, mas, simultaneamente — e, no entanto, o oráculo se cumpre — um enigma para Édipo em relação à sua própria identidade. Por acaso, o mito não mostra que Édipo não era quem ele acreditava ser?

Mas, vamos nos deter, por um instante, na histeria. Além do que os manuais (de psicoterapia, de psiquiatria) poderão dizer sobre a histeria, ela é uma estrutura

que põe em jogo o Saber (inclusive o discurso dos psiquiatras) : o é na medida em que o histérico mostra que sua relação ao **objeto** da tendência sexual é bastante instável, difícil de determinar. Quer **dizer**: que o discurso psiquiátrico começa por excluir do campo teórico toda referência ao desejo, à pulsão, ao gozo. Daí que a psicanálise se relaciona bastante com o discurso do **histérico**, tanto que inclui esses pontos um tanto quanto graves, enfim sempre interessantes, que a psiquiatria **exclui**. Repito: o desejo, o gozo, a pulsão, sua instabilidade, o Saber sobre o objeto sexual como enigma.

Ser psicanalista significará, em primeiro lugar, ser capaz de dar ouvidos a isso que se joga no discurso histérico, permitir que o paciente articule e elabore as faltas em relação à palavra, o que diz em relação a seus enigmas, a questão do Saber em relação à instabilidade do objeto da pulsão. Poderíamos contar o caso de uma paciente na qual a investigação sexual (a "pulsão epistemofílica" como o chamam alguns) revelava-se em relação à sua própria filha. Serão vocês capazes de dar-me esse mínimo de atenção, sem a qual não há campo psicanalítico? A paciente, uma mulher de cinquenta anos, conta como um dia descobriu que sua mãe era frígida. Mas o problema da frigidez não consiste unicamente na sua existência (todo o mundo sabe que ela está mais bem distribuída do que, em geral, as pessoas confessam) : o interessante da frigidez é que, casualmente, a mulher frígida abre o problema da determinação do objeto da pulsão. Para eu me **comportar** como mulher — viria dizer-nos a mulher frígida — deveria saber primeiro que é ser uma mulher, questão que, casualmente, não posso enviar à pulsão. Mas voltemos à nossa paciente. Ela descobre que a mãe era e tinha sido frígida (**a** própria mãe o havia contado em um trágico momento da vida de ambas, imbuído de confissões **sinistras**).

Mas qual era a relação da história sobre a frigidez da mãe com a vida atual da paciente, que confessa não poder evitar de "meter o nariz" na vida amorosa de sua própria filha, abrir sua correspondência, espiar-lhe as relações? A paciente diz, de boa fé, que sua preocupação corresponde à necessidade de assegurar-se sobre a moral sexual da moça. A filha da paciente — uma garota de nosso tempo, época chamada, vocês sabem, de "revolução sexual" — leva, além disso, uma vida sexual complicada, simultaneamente neurótica e insensata. Por isso mesmo, a necessidade de "espiar" levaria a mãe a ter suas boas dores de cabeça.

Mas, por que espiar? Por que a necessidade "compulsiva" — dizia a mulher — de abrir a correspondência da filha? Quando é convidada a associar, confessa seu próprio temor de ser frígida como sua mãe. Na época em que se inteirou do estado de sua mãe, recorreu a esses livros sobre a sexualidade e o matrimônio que todo o mundo conhece. Havia folheado página por página de tais livros. Sempre **com** uma sensação — diz — de culpabilidade, de **temor**: por descobrir o que temia descobrir ou por ser descoberta? Em resumo: tinha "espiado" esses livros. Tinha "espiado" literalmente, procurando, temendo encontrar, talvez, isso mesmo que buscava. Neste caso, um Saber que a desqualificasse como sujeito sexuado. Mas não é essa mesma ambigüidade **com** respeito ao Saber, o que se acha na origem da necessidade de "espiar" as cartas da filha? A paciente declara, finalmente, que, de fato, lhe ocorre vasculhar, no presente, a correspondência da filha, os papéis da filha, como no passado, procurava nas folhas dos livros tudo sobre sexualidade. Um aparte: Não teria que se interpretar que supervaloriza o Saber sexual da filha? Não outorga à filha o mesmo Saber que anteriormente tinha outorgado aos livros sobre o sexo e o matrimônio? É um

pouco cedo para dizer o **diagnóstico**: mas esta paciente era bem histérica, já que outorgava o Saber sobre a sexualidade a outra mulher, neste caso à sua própria filha. Mas vocês não percebem — vocês não ouvem, quero dizer — por onde se elabora, neste caso, a "pulsão epistemofílica", essa compulsão a espiar? **Definitivamente**: a necessidade de Saber sobre o sexo é idêntica ou correlativa ao **fato** de que a pulsão não determina o objeto, que essa determinação é objeto de uma necessidade de saber, e esta necessidade é a conseqüência de um enigma de base.

Mas, deixemos, por um momento, esta vertente das relações do Saber à pulsão, para começarmos a introduzir-nos em outra que, aparentemente, pouco teria a ver com ela. Voltemos às origens da psicanálise para recordar que Freud adverte que a psicanálise começa, na verdade, no momento em que faz seus pacientes "associarem". No princípio — como seqüência de sua experiência na França — acreditou que a hipnose poderia **oferecer** o instrumento de base para a terapia do neurótico. Mas logo comprovou que somente **uma** porcentagem muito baixa de pacientes era hipnotizável. Além do mais, a hipnose exercia uma certa incidência moralmente duvidosa sobre a vontade do paciente. Freud, então, troca o método hipnótico pelo procedimento que chamou de "a **pressão**": pressionava a **fronte** dos pacientes, cuidando de sugerir-lhes que se entregassem e que, de imediato iria aparecer a recordação patogênica, a causadora da enfermidade ou o interessante para a terapia. Freud pensava, então, que a causa da enfermidade era um trauma que havia ficado sem elaboração, e que a condição para a cura era **trazê-lo** até a consciência. A hipnose e o método da "pressão" são correlativos da teoria traumática. Mas já vimos **que**: em 1897 abandona a teoria do trauma e descobre o conceito

de fantasia. **Bem**, agora parte do reconhecimento de que não se trata de um fato real passado que deva ser relatado, que o relato do passado cobra um valor ignorado até então. Quando Freud buscava o trauma real, a terapia que imaginava somente podia ser a de “**pressão**”. Isto é, tratava-se de fazer o paciente falar, em primeiro lugar, do importante, do acontecimento oculto. Mas quando se abandona a teoria do trauma, muda-se a idéia de qual seria o tipo de discurso que se deveria promover no paciente. Quero **dizer**: a teoria de associação livre, fazer **com** que o paciente fale de **qualquer** coisa, que se entregue a suas associações mais banais, não é senão uma teoria correspondente a uma idéia que tem mudado no que diz respeito aos conteúdos do discurso. Não se trata de ajudar **com** o intuito de que o paciente “confesse” o “importante”, mas sim de permitir-lhe falar daquilo que, aparentemente, carece **de** importância. **É**, em primeiro lugar, daquilo que carece de importância *para ele*. A própria idéia de discurso e de palavra, a idéia de que coisa é a linguagem na psicanálise, muda então, de rumo. Digamos que a nova direção inaugurada é a propriamente psicanalítica.

Muda inclusive a idéia do que é uma “defesa”, em relação à linguagem e à palavra. Quando o paciente não fala, mantém-se em silêncio, se interrogado, dirá que não fala porque “nada **de** importante lhe aconteceu”. O que, eventualmente, ensina Freud, terá que ser interpretado como defesa, como negação a comunicar essas idéias banais, que, com tempo, com **rodeios** e mediações, poderiam **conduzir-nos** até as idéias interessantes. O que conduz a algum lugar não é, então, a confissão, mas sim a **associação**: no discurso, o importante é o não importante. Psicanalisar, desde então, significará abando-

nar a política do **tero**.<sup>6</sup> Mas existem teros na Espanha? Vocês conhecem o dito sobre a conduta do tero? Este grande pássaro, como se sabe, emite seu grito em uma direção e põe seus ovos em outra.

Tocamos este campo **espinhoso**: o da psicanálise propriamente dita. Freud dizia que este começa quando a palavra revela sua semelhança fundamental **com** a função da palavra no chiste. A função por onde as **pala-**avras revelam sua capacidade de remeter, não ao que querem dizer, e sim a outra coisa. Existe na palavra, para a psicanálise, um operador "**tero**": não tem que se buscar nelas o que elas significam, mas sim outra coisa. Por exemplo, em alemão "nieder **Kommen**" significa lançar-se embaixo, mas também significa "parir". **Des-**de então, uma paciente que se lança **embaixo** das rodas de um bonde, não faz mais que realizar seu desejo de parir um **filho**... Como se vê, o operador "tero" nos conduz a conseqüências que podem ser duras.

Mas em que se parece tudo isto (para repetir a fórmula das adivinhações) **com** a instabilidade do objeto da pulsão e **com** essa concepção da sexualidade que dizíamos separada do Saber? Veja: em tudo. Da mesma maneira que a pulsão não conduz ao objeto, tampouco a palavra conduz ao que ela significa, não nos assegura (como no chiste) sobre seu referente.

Mas então, e se tudo isso fosse certo, a psicanálise nos permitiria uma certa experiência do inconsciente, através da capacidade da palavra de não nomear a seus referentes, de referir-se a outra coisa.

Haveria, então, que se liberar esse potencial de operador "tero" da palavra, para poder evocar, na palavra

6. **tero** — no original. Ave da ordem dos pênaltas, também conhecida no Brasil por **tero-tero**, **quero-quero**, **teréu-teréu**.

e somente nela a instabilidade do objeto da pulsão. A partir deste ponto, poderíamos nos referir à famosa frase de Lacan que diz que "o inconsciente está estruturado **como** uma linguagem".

Resumo de A. **Berenstein**: *Gostaríamos de **acentuar**, no discurso de Masotta, o privilégio outorgado à palavra, segundo Freud. Por isso mesmo, será fundamental escutar a audiência, as perguntas, as **certezas**, as dúvidas. Gostaria de ajudar o diálogo, ordenando, previamente, as questões introduzidas por Masotta em suas conferências de hoje. Sintetizarei as afirmações que talvez são indagações para vocês; as questões, algumas bastante áridas, que foram propostas ao longo das duas conferências.*

*Em primeiro lugar, Masotta referiu-se às origens do pensamento psicanalítico. Essa origem está ligada à própria história de Freud como investigador e o ponto de partida está na hipnose e na apresentação dos casos de histeria por Charcot.*

*Naquela encruzilhada havia três elementos que deveríamos levar em conta: a dupla consciência, a capacidade do hipnotizador de produzir sintomas e a origem sexual da histeria (**considerando-se** ser este ponto além da conexão da palavra "histeria" **com** o órgão sexual **feminino**). Freud **começa**, então, por separar a histeria de genitalidade. Assinala, ainda, que a histeria não é estritamente feminina. E, além do mais — o que é de maior importância — a conexão da histeria **com** uma causa submergida no passado, **com** um trauma no passado.*

*O campo da relação da histeria **com** a psicanálise (**a** histeria legitimou a origem da **psicanálise**) dá início ao problema do objeto da pulsão e do sexo como enigma.*

Em 1905, Freud descreve o **pensamento** vulgar (referindo-se ao do médico) sobre a sexualidade e principia o campo teórico a partir de outro tipo de indagação. O conhecimento vulgar afirmava que não existia sexualidade infantil, que a sexualidade irrompia no período da puberdade e que a determinação do objeto da sexualidade se realizava na idade adulta. E mais, que o fim único para o qual tendia a sexualidade era o ato sexual. A sexualidade, nesta visão estreita, somente significa o coito do adulto. Freud introduz, desde então, uma divergência **com** respeito ao pensamento vulgar, uma ruptura: não somente existe sexualidade infantil como também afirma que aos cinco anos já se encontra determinada a estrutura **da** sexualidade do adulto. Descobre que a relação **de** determinação da pulsão **com** o objeto é bastante instável, e ainda, a possibilidade da busca de fins sexuais que pouco **tem** a ver **com** o ato sexual. De tal certeza, partem as investigações freudianas sobre as perversões. Nota-se, imediatamente, que existem três idéias centrais do pensamento freudiano: a pulsão sexual, o inconsciente ("freudiano") e a transferência. No que diz respeito à pulsão, Masotta insiste em que a relação **com** o objeto não está determinada, que não existe relação natural necessária **com** o objeto, que a relação do objeto à pulsão é instável. A respeito do inconsciente freudiano, afirma-se que não será diretamente abordado, mas que não se falará de outra coisa, que será o tema implícito da conferência. Quanto à raiz da estrutura da pulsão, Masotta recorda o encontro de Freud **com** Breuer, o caso Ana O., a proposição de Breuer nos estudos, ou seja, a consciência dividida ou a dupla consciência. E, por outro lado, no mesmo livro escrito em comum, a hipótese de Freud: a histeria de defesa. Freud coloca-se contra a idéia de uma dupla consciência mecânica, diz que se o sujeito cinde-se é



porque existe algo que não pode tolerar. O que não é permitido que entre na consciência é o **conteúdo** sexual da representação. O sujeito defende-se de coisas sexuais. Mas, até então, e também em Freud, o sexual era referido ao “**instinto**” e pertencia ao passado. Mas o que é isso que no sexual deve ser reprimido? A resposta é: que não tem objeto determinado da pulsão, que não tem Saber sobre o objeto. O inconsciente seria algo assim como aquilo que não está entre o Saber do sexual e a sexualidade.

Masotta recorda imediatamente as três profantasias freudianas: a sedução, a cena **primária** (coito parental vivido como perturbador pelo sujeito infantil) e a castração. As três profantasias **conduzem-nos** ao complexo de Édipo, à tendência amorosa até o pai do sexo oposto, e à castração como núcleo do Édipo. O Édipo é um complexo, isto é, um complicado nó de relações. O mesmo para a castração: é um complexo, um nó de relações. Imediatamente e para introduzir-se no Édipo, Masotta fala de **Édipo** ampliado. No Édipo reduzido coloca todos os casos em que não se trata senão de três personagens (**Édipo** positivo, negativo ou **completo**). O Édipo ampliado contém algo mais que os três **personagens**: algo **que introduz** na estrutura aquilo que assegura sua dinâmica, o Falo.

Do Falo diz-se que não é o pênis, que é a **premissa** universal do pênis, a crença infantil de que somente existe, como órgão genital, o **pênis**, a rejeição da diferença dos sexos. A questão ou a problemática do Falo leva-nos ao complexo de castração, mas não se deve confundir o complexo **com** a ameaça de castração. Deve-se distinguir fantasia, ameaça e complexo de castração. Referindo-se à sexualidade feminina, diz-se que existe falta aí onde no real nada falta e fala-se da **in-**

tersecção do nível de direito *com* o nível de fato no próprio centro da determinação sexual do sujeito. Existe complexo de castração pela premissa, a que diz que somente deve existir pênis. A falta "tem lugar": na teoria freudiana. O Falo, além do mais, é também "etapa" do desenvolvimento *libidinal*: a fase fálica, que Freud introduz, posteriormente, em seu trabalho capital de 1905, deve ser atravessada por todo sujeito, seja homem ou mulher. Assim, remete-nos, novamente, ao problema de que a sexualidade conecta e conduz à falta de objeto e, pelo mesmo motivo, à estrutura da pulsão. A pulsão não tem, de início, objeto e não existe Saber sobre a sexualidade. A histeria vem, aqui, corroborar esta estrutura da sexualidade. Histeria e teoria psicanalítica identificam-se em algo: na promoção da não determinação do objeto pela pulsão.

*Introduz-nos, finalmente, ao campo específico da teoria e à prática psicanalítica: o campo da palavra. Para tornar possível a de Masotta, em seguida, eu diria que a audiência deveria fazer uso dela agora.*

**Pergunta:** *Gostaria que Masotta esclarecesse algumas coisas para mim. O que significa que a pulsão não tem objeto em nosso contexto cultural atual? Tal coisa não nos levaria a certos rumos... por exemplo, faz com que não exista uma evolução normal até a heterossexualidade do adulto normal e a monogamia. Se a pulsão não tem objeto, existe aí um princípio abstrato, algo não concreto, indeterminado. Como se a pulsão brotasse de algo vital, biológico, indeterminado. Algo que não se poderia racionalizar nem mistificar. E então, para a pulsão seria o mesmo que se houvesse um sexo ou outro. Ou que os dois ou que nenhum, e que uma energia sublimada. . .*

Você fala de um certo campo da cultura que se veria perturbado pelo fato de que haveria algo profun-

damente indomesticável na pulsão. Não são minhas palavras mas as suas — Freud usava as mesmas — que traduzem bem meu pensamento. De fato, a teoria que tento expor permite concluir que não existe "evolução" segura até uma sexualidade "adulta" heterossexual normal; no sentido de que tal evolução seria "normativa" sem ficar garantida por nenhuma legalidade de fato. As leis de fato (uma certa invenção do pensamento da política de direita) não poderiam ter lugar algum na teoria psicanalítica. Na teoria psicanalítica, como disse Mario Levin, um psicanalista argentino, não existe lugar para a normalidade. Todo o lugar está ocupado pelos neuróticos, pelos pervertidos e psicóticos. No entanto, há um paradoxo inerente ao **campo**: as pessoas adoecem — veio nos dizer Freud — por tentarem domesticar o indomesticável. O paradoxo consiste em que tampouco poderia dizer-se que a teoria recomenda as perversões. Mas Freud não disse — e ainda menos eu — que esse aspecto indomável da pulsão estivesse determinado pelo **biológico**. A teoria freudiana é a que menos se parece **com** qualquer ideologia da ordem dos vitalismos. Freud diz melhor, que os objetos sexuais são alcançados trabalhosamente, que nenhuma força assegura ou facilita a relação do sujeito **com** os **objetos** de sua sexualidade. E quanto à heterossexualidade, e, para tranquilizá-lo, direi que existe, segundo Freud, mas como final laborioso e sempre instável do desenvolvimento psicosexual.

O positivo da posição **freudiana** é que nos permite outorgar racionalidade às perversões, as quais entram, agora, no campo da teoria e da prática. Um pervertido — ao menos de direito — é analisável. E, além do mais, o próprio termo não indica para Freud nada pejorativo. As perversões somente nos ajudam a não esquecer a estrutura de base da pulsão. Mas não os intranquilei

ante a posição do psicanalista, tampouco pode-se dizer que sua vontade é a de promover as perversões. Mas, ao contrário, tampouco promove a sexualidade normal. A psicanálise não promove nada.

Mais ainda, para **intranqüilizar-nos**: existe perversões sexuais entre os animais? Só muito aparentemente. Alguns homossexuais ilustres, escritores importantes, quiseram alguma vez justificar a homossexualidade mostrando que alguns animais, inocentemente, a praticavam. Mas, era outorgar, era fazer, a meu ver, um conceito demasiado alto do reino animal. A perversão sexual, por antonomásia, é o fetichismo. Mas, vocês conhecem algum animal fetichista?

Voltando às suas palavras, existe de fato algo indomesticável na **pulsão**: **tem** a ver **com** a cultura e **com** a repressão. Mas, a repressão na teoria psicanalítica não é um conceito cultural. Freud usa outro termo diferente de repressão, quando se refere ao **objeto** de rejeição pelo cultural: é o que chamou “**oprobioso**”. A repressão tem a ver, no entanto, **com** a própria estrutura da pulsão. Nós dizíamos que o sujeito se constitui como inconsciente (ou seja, que reprime) porque nada quer Saber de que não existe na pulsão Saber do objeto. Para usar uma frase de **Freud**: a repressão é um destino da pulsão . . .

O sujeito adoece — para **dizê-lo** grosseiramente — porque não quer Saber de que não existe Saber (ou que o Saber, como diz Lacan, não se confunde **com** a **Verdade**). Pelo menos, é o que ocorre com o neurótico. Daí, o sujeito “pede”. O quê? Saber. Eis aí o que **tem** a ver profundamente com a transferência.

**Pergunta:** *Tem-me parecido que você utiliza, referindo-se à pulsão, duas definições diferentes. Por um*

*lado, você fala de falta de **objeto**, de que para a **pulsão** falta-lhe objeto. Por um outro, afirma" uma relação da pulsão à **repressão**. . . É possível precisar o estatuto do **objeto** da pulsão? Falta, está reprimido ou há um terceiro caminho para entender a questão?*

Você tem razão em denunciar-me o uso simultâneo de definições ou caracterizações distintas, falando da pulsão. Reconheço uma certa ambigüidade de meu discurso, quando se trata do objeto da pulsão, já que, por momentos, falo da instabilidade e, em outros, de não determinação, e ainda em outros, diretamente, de falta de objeto. Mas, me parece que esta ambigüidade poderia ser frutífera. E foi pelo desvio dessa ambigüidade, por onde, sem transição, eu parei **de** falar sobre a pulsão e passei a falar sobre as palavras. Para que exista a linguagem (a verbal, a linguagem por **antonomásia**), as palavras não deveriam poder remeter a **seus** referentes. Se a palavra "copa" somente significasse a "copa", não haveria língua castelhana (ponto sobre o qual os **catalogões** ficariam contentes, mas que não deixaria de questionar a própria existência do **catalogão**).

Para esclarecer um pouco a questão, direi que quando falo de não determinação do objeto da pulsão, refiro-me quase expressamente à **bissexualidade**, que Freud descreveu como básica. **O** que vem significar que tanto a heterossexualidade como as perversões são resultado do desenvolvimento, não acontecem de início (**isso** é certo em um sentido, já que para Freud a criança é **polipervertida**). Mas, ao introduzir o Falo em meu discurso, teria que falar, além do mais, da falta de objeto. **O** que tentava sugerir com minhas ambigüidades era que entre uma coisa e outra é necessário haver alguma conexão fundamental. Mas tudo, por sua vez tem a ver **com** a língua e a linguagem. Pulsões sem objeto, palavras sem **referentes**. . .

**Pergunta:** *Desculpe-me, mas não entendo. A pulsão tem ou não tem objeto?*

A esta altura de meu discurso de hoje, deverei responder, por um lado, sem abandonar certa ambigüidade, e, por outro, pela negação. A pulsão não tem objeto, encontra-o. Mas tem que se tomar **cuidado**: que o encontra não quer dizer que o tem. E, teoricamente falando, deve-se cuidar, além do mais, em não obturar as faltas. Na teoria psicanalítica não há seres perfeitos nem neste mundo nem em nenhum **outro**: a psicanálise não é um platonismo. Como disse **Lacan**: em psicanálise, trata-se de *repetição*, não de *reminiscências*. Se alguém recorda Platão como aquele que uma vez soube trata-se de que em algum lugar existe um sujeito que Sabe. Isso em algum lugar, no passado mítico ou em algum "topo" celestial. Em Freud, e, se eu não entendi mal, (mas este ponto é **difícil**), o *sujeito repete o fato de que acreditou que podia Saber*. O objeto primordial, a mãe, o objeto profundamente **perdido**: eis aí o objeto de **uma** ilusão de Saber. Mas para Freud, nem mesmo a mãe é capaz de obturar esse indomável de que **falávamos** agora há **pouco**...

**Pergunta:** *Você está contra o platonismo. Mas não é o Falo um objeto bem platônico?*

Se você vê, aí, um princípio de platonismo, seria difícil convencê-lo do contrário. Mas, em todo caso, haveria que dizer como Freud, que a culpa não é da teoria. O platonismo estaria nas crianças.

**Pergunta:** *Qual é a relação entre a falta e a imagem especular? No Estágio do espelho, não **viria** a criança obturar a falta mediante a apropriação de sua imagem?*

Eu ainda não falei em "estágio do espelho" nem pensava fazê-lo nesta conferência. Às vezes, não se **mes-**

clam as linguagens teóricas. De qualquer maneira, penso, **com** respeito à sua pergunta, que algo falta de fato na imagem **especular**: é o olhar da mãe. **O** olhar da mãe que ratifica o olhar pelo qual a criança descobre sua própria imagem no espelho e a ela se aliena. No espelho, o sujeito não obtura a abertura **fálica**: abre o campo de um olhar que falta. É o olhar da mãe.

### III

Torna-se interessante notar que quando Freud precisa ministrar um curso de introdução à psicanálise, os **temas** que elege aparecem na seguinte ordem: em primeiro lugar, referir-se-á aos atos falhos, em seguida, tratará de estudar os sonhos e, finalmente, a teoria sexual e a teoria da neurose. Penso nas famosas **conferências** de *Introdução à psicanálise* de 1916-1917. Quero dizer que quando Freud quer introduzir à sua audiência o conceito psicanalítico por excelência, o inconsciente, não o faz falando diretamente da repressão da sexualidade, mas trata de mostrar as lacunas do discurso inconsciente, chama a atenção mais sobre fenômenos de palavras do que sobre as questões do sexo. No entanto, **percebe-se**: se é possível partir dos fenômenos de linguagem (equívocos, lapsos, esquecimentos) para logo chegar a sugerir questões que dizem respeito à repressão e à sexualidade, é apenas porque existe uma estreita relação entre um e outro. É apaixonante observar o cuidado didático **com** que Freud conduz a audiência desde um ponto a outro da questão. Os esquecimentos, os lapsos, os atos falhos não obedecem mais à necessidade de ocultar um **desejo**. . . ; e será por este desvio do desejo que as falhas da palavra se relacionam com a sexualidade.



Freud ensina, efetivamente, que é só **com** as palavras que o sujeito pode dizer o que casualmente não quer, em absoluto, dizer. E isso que no discurso do sujeito fica dito sem que o sujeito o queira, abre — é evidente — o campo da relação do sujeito ao desejo. Os lapsos, os equívocos verbais, os esquecimentos de palavras são curtos-circuitos do discurso por onde se filtra o desejo inconsciente. Freud conta o caso do presidente da Câmara Austro-húngara que abre, um dia, a sessão **com** as seguintes palavras: "*Senhores **deputados**, na abertura da sessão, feita a recontagem dos presentes e havendo o número suficiente, suspende-se a sessão.*" Exemplo claro, onde se vê que o discurso disse exatamente o contrário do que o sujeito que fala se propõe a dizer. E se vê, também, em ação, o desejo do presidente da Câmara: o de suspender, imediatamente, a sessão, em vez de ter que a suportar. No mesmo texto, vocês encontrarão este outro exemplo, o de um professor de anatomia que, depois de sua aula sobre a cavidade nasal, pergunta a seus ouvintes se lhe haviam compreendido e que, depois de receber uma resposta afirmativa, prossegue, **dizendo**: "*Não creio, já que as pessoas que compreendem verdadeiramente as questões relacionadas **com** a anatomia da cavidade nasal podem contar-se, ainda que em uma grande cidade de mais de um milhão de habitantes, **com** um só dedo. Oh, **perdão!** Quero **dizer com** os dedos de uma só mão.*" É óbvio: havia um só que entendia, ele mesmo. Freud nos introduz ao inconsciente, mediante exemplos desse tipo. Em outro exemplo, na cerimônia de posse do cargo, um catedrático **disse**: "*Não estou inclinado a fazer o elogio de meu estimado **predecessor***". Enquanto que sua intenção era dizer, em tom falsamente cordial, a quem havia deixado o cargo — "*Não sou eu quem está indicado a fazer o elogio de meu estimado **predecessor***". Este **exem-**

plo é mais interessante, já que de uma frase para outra só se interpõe a semelhança de dois termos: estar *inclinado*, estar *indicado* (mais evidente em alemão: *ge-neigt/geeignet*). Interessante, digo, já que nos remete a relação (bem instável) da palavra a seu referente, ou seja, nos introduz à questão do **significante**.

Bem, este ponto é fundamental, por várias razões. Em primeiro lugar, porque é um ponto permanente na obra de Freud, algo que Freud não deixa de afirmar (a relação do significante com a estrutura do sujeito e o inconsciente) ao longo de toda a sua obra. Como se tem dito, Freud foi um autor de idéias mutáveis. Mas, sobre este ponto, nada mudou, desde seus primeiros trabalhos até seus artigos póstumos.

Insistíamos sobre a questão da pulsão e o objeto, sua instabilidade, a questão, se preferirem, de que a pulsão não tem objeto. É necessário conectar, agora, esse ponto **com** este **outro**: com a idéia do significante em Freud. **O** fato de não haver relação unívoca entre palavras e referentes, atinge, para Freud, a determinação da estrutura do sujeito, ou ainda — se me permitem — estende-se até o patogênico, é capaz de produzir efeitos, promover sintomas.

Porém, há **outro** aspecto não menos **fundamental**: o significante relaciona-se não somente **com** aquilo que o inconsciente é capaz de produzir, os sintomas, os atos falhos, os sonhos *etc.*, mas também — e pela mesma razão — **com** a própria delimitação do campo em que se efetua a prática psicanalítica. Se em psicanálise (em uma psicanálise) somente se interpõem as palavras, então, é necessário levar-se muito em conta esta capacidade da palavra de safar-se de seu significado habitual, não se poderá esquecer esse "tero" que habita toda palavra.

Digamos, agora, algo a respeito do conceito de “**significante**”. Vocês sabem, não é freudiano, pertence a uma tradição mais moderna, está ligado à história da lingüística contemporânea e **nos remete** ao *Curso de Lingüística Geral* de F. Saussure. A nós nos bastará, no momento, e para podermos trabalhar mais adiante, uma definição simples do que é o **significante**. Diremos, então, à guisa de definição, que chamamos “significante” a palavra, isto é, na medida em que a palavra pode remeter a mais de uma significação. Quando dizemos “palavra”, seria necessário acrescentar que nos referimos em primeiro lugar ao som, ao que chega aos ouvidos. Por exemplo, o grupo de sons em espanhol **/cazar/**<sup>7</sup> que **pode** significar **tanto** abater **perdizes** a tiros, como quem atira ao vento; ou pode significar — somente mediante uma leve diferença de sons — o ato de união de dois indivíduos de **sexos** diferentes, como prova, para a sociedade, de que vão dar continuidade à espécie, o que nada tem a ver **com** o **vento**... No famoso *Curso de Saussure*, isto estava dito de maneira distinta, mas a intenção é semelhante. Saussure assinala o fato de que não há necessidade alguma que ligue uma palavra àquilo que ela quer dizer. Que não há razão para chamar **/cavallo/** ao “cavallo”, esse animal que conhecemos por tal nome. A maneira mais simples de comprová-lo é lembrar que os ingleses chamam **/horse/** a mesma triste figura.

Por volta de 1900, Freud escreve três volumosos livros que respondem à intuição fundamental do **significante**: seus livros sobre o *Chiste* (1905), a *Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901) e em (1900) a *Traumdeutung*. Em seu trabalho sobre o chiste, reflete a res-

7. **cazar** — no original. Em português, o exemplo escolhido pelo autor perde o sentido desejado, pois diferentemente do que ocorre no espanhol, as pronúncias dessas duas palavras, no caso: **casar** e **caçar**, são distintas.

peito de suas relações com **O** inconsciente, como diz o próprio título do livro, e chega à conclusão de que o *chiste é modelo*. Ou **seja**: que a operação que está subjacente a esse efeito de um relato que nos faz rir é a mesma operação que está subjacente a toda *Bildung* (**formação**), isto é, a todo produto do inconsciente, o lapso, o sintoma, o sonho, o ato falho. **O** chiste é interessante para Freud porque está feito com palavras, porque seu efeito depende unicamente das palavras. **Com** um pouco de inglês, entende-se porque os londrinos gostam tanto deste **chiste**: Um senhor dirige-se a outro para pedir-lhe fogo para seu cigarro: "*Have you got a light, Mack?*". E o outro responde: "*No, I have a heavy overcoat!*" <sup>8</sup>

Freud, que gostava dos chistes judeus, conta o de um judeu que disse a **outro**: "*Você tomou um banho?*" E o outro respondeu: "*Por que, falta algum?*". Neste exemplo observa-se como a palavra "tomar" é a responsável por este efeito que chamamos de chiste. A palavra permanece, seu sentido se desliza, sorrateiramente e, repentinamente, muda o resultado: é o chiste. Mas, o que importa, como dizia, é que Freud vê nesse deslizamento do significado o modelo de toda formação. E também, o modelo da formação que chamamos *sintoma*. Isso quer dizer algo cujo alcance pode resultar um tanto quanto inusitado: que o processo psíquico que produz um sintoma contém um operador do tipo do significante também no processo de produção do sintoma mais grave. **O** que Freud vem nos dizer — percebe-se — é uma mensagem em tanto incômoda: que até as doenças mentais do homem estão **estruturadas** como

8. "Have you got a light, Mack?" — "No, I have a heavy overcoat!" — no original — A tradução literal seria: "Você tem fogo, Mack?" — Não, eu tenho um pesado casaco!" — Sendo que "light", também pode ser: "leve", dando o sentido para o chiste.

um chiste. É bom lembrar a esse respeito, um antigo exemplo tomado de um caso clínico apresentado por Freud.

Freqüentemente, agrada-me dar este exemplo, já que mostra até que ponto Freud esteve convencido, desde muito cedo, sobre o papel estruturador do significante em relação ao sintoma. Trata-se do caso de Isabel de R., que Freud relata entre os históricos clínicos do livro que em 1895 publica conjuntamente com Breuer, os *Estudos Sobre a Histeria*. Freud havia tratado a paciente em 1892, que sofria, em especial, entre outros sintomas, de uma astasia-abasia, paralisia das pernas, nas quais, além do mais, observavam-se áreas particularmente dolorosas. Freud nos conta o tratamento e a maneira pela qual investiga a origem dos sintomas, buscando na história da paciente o conjunto dos pequenos traumas que teriam sido responsáveis pelas dores e pela paralisia. Executa, se quiserem, um verdadeiro e sério trabalho de detetive, buscando nos acontecimentos e nos conflitos reais da paciente, **com** seu pai, suas irmãs, seus cunhados, sua família, enfim, as causas dos sintomas e também as particularidades dos lugares precisos em que apareciam as dores somáticas.

Descobre, então, mais de uma série de traumas e de causas. Mas, ao fim do trabalho de busca, acrescenta que também havia operado na determinação dos sintomas outra série, a que se unia às anteriores para acentuá-los. Referindo-se a tal série, Freud chega a falar de "paralisia funcional simbólica", entendendo por "**simbólica**" neste texto exatamente o mesmo que nós chamamos, há um momento, "**significante**". Vale a pena reproduzir o fragmento completo do texto freudiano (*Obras Completas*, Biblioteca Nueva, 1948, tomo **I**, p. 85) :

"Deste modo havia crescido primeiramente por **justaposição** a área dolorosa, ocupando cada novo trauma de eficácia patogênica uma nova região das pernas, e em segundo lugar, cada uma das cenas impressionantes havia deixado atrás de si uma pegada, estabelecendo uma "carga" permanente e cada vez maior das diversas **funções** das pernas, ou seja uma conexão destas funções **com** as sensações dolorosas. Mas, além, disto, era inegável que no desenvolvimento da **astasia-abasia** havia interferido, todavia, um terceiro mecanismo. Observando que a doente encerrava o relato de toda uma série de acontecimentos, **com** o lamento de ter sentido, dolorosamente, durante sua vida "a solidão em que **estava**", (stehen significa em alemão tanto "estar" como "estar de pé") e que não se cansava de repetir, ao comunicar outra série referente a suas fracassadas tentativas de reconstruir a antiga felicidade familiar, que o mais doloroso para ela tinha sido o sentimento de "impotência" e a sensação "de que não conseguia avançar um só passo" em seus propósitos, não podíamos deixar de conceder a suas reflexões uma intervenção no desenvolvimento da abasia e supor que tinha **buscado** diretamente uma expressão simbólica de seus pensamentos dolorosos, **encontrando-a** na intensificação de seus padecimentos. Já em nossa "comunicação preliminar" afirmamos que tal simbolismo pode dar origem aos sintomas somáticos da histeria, e na epicrise deste caso, exporemos alguns exemplos que assim o demonstram, sem deixar lugar algum a dúvidas. No caso de Isabel de R. não aparecia, em primeiro plano, o mecanismo psíquico do simbolismo; embora não pudéssemos dizer que houvesse criado a abasia, podíamos afirmar, isso sim, que tal perturbação pré-existente havia experimentado por tais caminhos uma importante intensificação. Deste modo, no estado em que eu a encontrei, não constituía tão **somen-**

*te dita abasia uma paralisia associativa psíquica das funções, mas também uma paralisia funcional simbólica.”*

É possível entender isto? Resumamos **Freud**: Isabel, como boa histérica, e isto é de importância, tinha passado bastante tempo cuidando de seu pai enfermo. Situação por si só **histerogenizante**, como **já** haviam descoberto, então, Freud e Breuer.

**Detenhamo-nos**, um instante, neste **ponto**: o fator **histerógeno**: ter passado muito tempo junto ao leito de um enfermo, em situação passiva ante à *demanda* do outro (pai, irmão, **parente**). E se entende a razão: o que pode fazer a pessoa à cabeceira do doente com **seus** próprios desejos, **com** seus desejos **mais** banais, **ante** a gravidade do estado do enfermo? A emersão do mínimo desejo basta para torná-lo culpável, estrutura que Freud havia compreendido achar-se na base da repressão. Uma relação deste tipo, a do culpável para com seus próprios desejos, encontra-se na etiologia dos sintomas de Isabel. Culpa, também — segundo interpreta Freud — por sentir-se atraída por seu cunhado, o marido de sua irmã, a qual, além do mais, adoece e morre. Será sobre o fundo desta situação dupla ou triplamente culpável que Freud buscará os acontecimentos vividos por Isabel, os acontecimentos relevantes para entender as dores somáticas. Além disso, Freud sabia, também, que como boa histérica, Isabel de R. era bem endofamiliar, ou seja, preocupava-se em manter, em sustentar, em afirmar os laços familiares, em manter a família em um *status quo* de felicidade que o tempo e a realidade desmentiam. As histéricas de Freud são **endofamiliares, centrípetas**: puxam para dentro os laços familiares. Mas, como iam as coisas na família de Isabel? Pai muito doente, morto, o

mesmo para a mãe. A irmã mais velha casa-se **com** um personagem bastante desagradável para a histérica; a este homem pouco lhe interessa a família, leva a irmã mais velha a viver longe da família. Quanto à irmã mais **nova**: aí as coisas funcionam bem, só que Isabel se enamora (e não sabe, interpreta Freud) desse encanto de homem **endofamiliar** e respeitador da família, que sua irmã tinha escolhido por marido. Percebe-se que os projetos endofamiliares de Isabel resultam num verdadeiro desastre. Poder-se-ia dizer: "*Nessa família, as coisas não andavam, não caminhavam*". Eis aí, então, nos assinala Freud, que Isabel de **R.** tampouco anda, não caminha. Ou seja, produz sua paralisia **histérica**...

Escuto — como diria o locutor de **touradas**<sup>9</sup> — o silêncio na arena. Silêncio interessante para mim, já **que** estamos falando do alcance das palavras, do que, por essência, deve ser escutado. Mas, é certo que Freud mostra-se cauteloso e não diz que o sintoma tenha sido produzido simplesmente **por** essa operação semelhante à do **chiste**, mas diz que tal operação se soma à produção, que "intensifica" o sintoma. Mas é demasiado cedo para começar a discutir tal cautela freudiana. Vale mais a pena voltar ao texto, ao exemplo que nos prometia para o final da epicrise do caso. (*Obras Completas*, Idem p. 101).

*"Acrescentaremos, todavia, um segundo exemplo que evidencia a eficácia do simbolismo em outras condições distintas. Durante certo período, atormento a Cecília M. uma violenta dor no calcanhar direito, que lhe impedia andar. A análise nos conduziu a uma época em que o*

9. . . . el cronista de toros — no original. Seria aquele que "narra" as touradas, como o locutor nos nossos campos de futebol, por isso optamos por uma expressão que poderia em português, remeter-nos mais facilmente à idéia.



*“sujeito-feminino”<sup>10</sup> se encontrava em um sanatório estrangeiro. Desde sua chegada e durante uma semana, teve que ficar de cama. No dia em que se levantou, o médico veio ajudá-la na hora do almoço para conduzi-la ao refeitório; e, ao tomar seu braço, sentiu que, pela primeira vez, aquela dor, na reprodução da cena, desapareceu quando o “sujeito-feminino” disse: “Até então me dominava o medo de não entrar “com o pé direito”<sup>11</sup> entre os demais hóspedes do sanatório.”*

Esta doente sofria, naquela época, dores nos pés que a obrigavam a ficar de cama. Agora é o **inverso**: a operação significante, semelhante à da formação de um chiste, não só está na base da produção do sintoma, como também, nos diz Freud, é útil inclusive para o levantamento do próprio **sintoma**: tem utilidade — se me permitem — terapêutica.

Este exemplo nos permite introduzir ou aclarar nossa afirmação de que o significante relaciona-se com o próprio limite do campo da prática psicanalítica. De fato, se o chiste é modelo de toda formação, o que será que o analista deverá capturar nas palavras do paciente a não ser algo que tenha a ver **com** a operação que define o modelo, isto é, o significante?

A situação analítica — sabe-se, mas se esquece freqüentemente as conseqüências — é uma relação dialógica por excelência, ou melhor, uma relação de palavras onde só **intervêm** palavras. Mas, no entanto, teria

10. ... a una época en que la sujeito... — no original. Apesar de soar estranhamente a nossos ouvidos, já que sujeito em português é palavra somente masculina, resolvemos adaptar o termo para: “sujeito-feminino”, COM o intuito de respeitar o texto freudiano, pois acreditamos que em sua linguagem teórica, o “sujeito” e o “objeto” ocupam lugares significativos.
11. ... dominaba el miedo a no entrar con buen pie entre los demás... — no original. Escolhemos uma expressão em português que traduz, a nosso ver, a idéia de “dar boa impressão”, não deixando de usar a palavra (pé) que nessa frase é de fundamental importância,

que **tomar** cuidado em dizer que tal relação, que passa unicamente pela linguagem, é uma relação de "comunicação". O que o analista "está à escuta" na palavra é a operação "**tero**" que a habita e **não** o que o paciente quer dizer. No que quer dizer, e, por meio das falhas da palavra, escuta o que o paciente não quer dizer. A situação analítica não é uma situação de comunicação e nada **tem** a ver aqui **com** os modelos de comunicação, os derivados teóricos da engenharia da informação. Isto, por um lado, porém se entendermos a palavra comunicação no sentido, digamos, mais humanista, **como compreensão**: bem, então, teria que dizer que o que delimita o campo da prática psicanalítica é algo que — e no sentido ativo — nada tem a ver com a **compreensão**. O analista não está aí para compreender o paciente. Se, por ventura, escuta alguém dizer que está se psicanalizando e que seu analista o compreende, pode-se estar **seguro**: essa análise não **funciona**.

Dizia que esta situação, este campo bem peculiar não poderia ser modelado com idéias derivadas da teoria da comunicação. Estes nasceram da preocupação dos engenheiros de que os aparelhos que servem de meios de comunicação (telégrafo, rádio, telefone **etc.**) funcionem bem. Isto é, que o pressuposto consiste em não interrogar o que o emissor diz, mas sim em cuidar de trasladar a informação, de transmiti-la de maneira mais fidedigna possível, até o receptor da mensagem. Ou seja, o pressuposto do modelo é que o emissor diz o que quer dizer e que é bom e bastante útil que o receptor se inteire do modo mais perfeito possível disso, do que o emissor diz, e isto porque o quer dizer. Neste sentido, não poderia se afirmar que a tendência da teoria da comunicação, da engenharia da informação é bastante humanista? Não nos prometia esse senhor cha-

**mado** Mac **Luham** um mundo melhor a partir dos inventos modernos da informação?

**Comunicar-se**: isso pode ser bonito e inclusive às vezes, prazeroso. Tanto que, às vezes, no campo maravilhoso e tranqüilo da vida cotidiana, quando num passeio à montanha alguém diz à sua **mulher**: "Ouça, por que não levas este cântaro e traz água da **fonte** para beber", e a mulher leva o cântaro e o devolve **com** água, enquanto o marido brinca **com** as crianças no chão; e a fonte pertence a uma antiga construção romana, daquelas que existem em abundância em alguns **formosos** povoados da Espanha. Mas, tudo isso pouco **tem** a ver **com** a psicanálise. Em meu exemplo, o único que teria a ver **com** a psicanálise seria essa menção ao antigo, a presença **de ruínas**. Mas, é claro, as ruínas não têm nada a **ver com** a comunicação. **O** que o psicanalista escuta — e traça assim o campo de sua prática — não é o que o paciente quer dizer, mas sim aquilo que em sua palavra trai o que casualmente não quer em absoluto dizer. Pode-se simpatizar, compreender as pessoas; mas o psicanalista não trata **com** pessoas, mas sim **com um** certo sujeito um tanto escabroso, cheio de meandros e que se **chama**: Inconsciente.

Resumo de A. Berenstein. *Se desejam, abrimos o nosso diálogo e começamos a trocar idéias. Eu gostaria de assinalar certos pontos, o ritmo do discurso escutado; marcar as escansões. E **tem** que ser dito assim para permanecerem perto de nosso campo, o que **tem** a ver **com** o escutar psicanalítico.*

*Masotta abriu sua segunda conferência, referindo-se ao livro de Freud de 1900, A Interpretação dos Sonhos. Masotta se refere, em especial, à associação livre e à busca da significação, mas não no referente, não naquilo a que a palavra remete como seu significado, mas*

*sim ao que ocorre na cadeia do discurso. O sujeito não sabe o que diz ou não diz o que quer dizer, ou quando diz o que quer dizer não sabe o que está dizendo. Não sabe que está dizendo algo que **tem a ver com** a verdade no exato momento em que se equivoca **com** as **palavras**, no momento em que, e sem deixar de dizer, não diz o que quer. Nada mais falta para introduzir-se na fórmula de Lacan: “O inconsciente está estruturado como uma **linguagem**”.*

*Recorda-se, então, o curso de Freud de Introdução à Psicanálise para chamar a atenção sobre a ordem dos temas escolhidos por Freud: os atos falhos, os sonhos, e, finalmente, a teoria sexual. Masotta retoma fundamentalmente o problema dos atos falhos e os sonhos para referir-se ao **significante**. Freud começa pelos atos falhos, os de palavras em especial, quando trata de provar a existência do inconsciente. Mediante esses atos falhos, o sujeito pode dizer o que não quer dizer. Assinalam-se, então, quatro pontos fundamentais em torno desses atos falhos: 1.<sup>o</sup>) que têm sentido; 2.<sup>o</sup>) que têm a ver **com** o desejo; 3.<sup>o</sup>) que têm a ver **com** um movimento de ocultação; e 4.<sup>o</sup>) que têm a ver **com** a maneira do aparecimento do desejo na palavra. Quanto aos sonhos, a fórmula freudiana é fundamental: os sonhos são uma realização de desejos. Masotta suspende, então, a temática do desejo, para insistir completamente na questão do **significante**, ou seja na palavra.*

*O **significante** é um termo que Freud não utilizou e que provém da lingüística saussureana. A definição de **significante**: é a própria palavra. As características assinaladas são: que toda palavra pode remeter a mais de uma significação, que o aspecto sonoro da palavra tem importância, que existe uma relação arbitrária **entre** a palavra e a coisa, entre a palavra e o significado.*

Faz referência, em seguida, ao volumoso trabalho sobre O Chiste e suas relações **com** o inconsciente, insiste no fato de que o chiste é um fenômeno de **palavras**, ou de **jogo com** as palavras. A palavra **permanece** e o significado se desliza. O efeito de sentido produzido **com** este **jogo** das palavras é o chiste. Masotta assinala no chiste o modelo de toda formação do inconsciente: também o lapso, o sonho, o esquecimento, os atos falhos, o sintoma. Faz, então, referência ao caso de Isabel de R. para mostrar no sintoma um jogo de palavras: a família não caminha, ela tampouco. Eis aí sua **astasia-abasia**. Reforça que em toda formação se expressa o desejo. Mas, ponto importante: o chiste não somente é modelo de toda formação, **como** também sua operação, o significante, delimita o campo propriamente dito da prática psicanalítica, o da relação do analista **com** o analisado. Sem dúvida, que o chiste é modelo também desse campo: não existe chiste sem um outro que ri; assim, é o outro que sanciona o chiste como tal, por onde esse outro aparece essencial à palavra. Isso nos leva, de fato, à própria relação analítica. Quando escuto, não escuto de fato o que o paciente quer dizer, mas sim o que não quer dizer, o que, de maneira alguma, quer dizer. Tal formulação pouco **tem** a ver **com** a teoria da comunicação, nem **com** nenhuma idéia — por mais humanista que seja — de compreensão. Entre o psicanalista e o **psicanalisado** (o psicanalisante, teria que dizer) não está em jogo nada da ordem da simpatia, da compreensão. O **conceito** de comunicação pouco nos ajudaria a entender o que está em jogo na psicanálise.

Agradeço a Berenstein seu excelente resumo. Mas, ao ouvi-lo me dei conta de que nesta etapa de minha exposição, a maneira **com** que apresentei as idéias foi tanto peremptória como dogmática. A afirmação, por exemplo, de que a relação analítica não é uma relação

de compreensão, nem de comunicação. Afirmação um tanto grave. É que as **peçoas** freqüentemente, e, com boa vontade, querem praticar o que chamam "psicoterapia". E, então, esforçam-se por **compreender**... Não existem pessoas, por acaso, que **gostam**... de ser "psicoterapisadas"...<sup>12</sup> pela simpatia? Não estou a gracejar. Aqui está o ponto, o que sela a diferença e, além do mais, toda idéia de relação possível entre as psicoterapias, as psiquiatrias etc. e a psicanálise. Como vêem, meu dogmatismo tinha ao menos um **fim**: alertar vocês, despertar a atenção.

Pergunta: *Entende-se sua intenção em mostrar o **que**, a seu entender, constitui o essencial da psicanálise e que não se relacionaria, de maneira alguma, **com o** que se chama comunicação. Mas, então, como é possível **decifrar** o significado dos sintomas? Não me oponho ao que você disse, pergunto-lhe. Na psicanálise, os sonhos e a associação livre têm um lugar capital. Mas, como passar **deles** à interpretação do psicanalista? Não existem múltiplas maneiras de interpretar? E ainda mais, existe uma pluralidade de casos, muitos tipos diferentes de neuroses e de neuróticos. **O** que se passa em cada caso?*

Se não entendo mal, a pergunta **seria**: se não existe comunicação nem compreensão no diálogo analítico, no que consiste a interpretação?

**Pergunta**: *Gostaria de completar o que queria **dizer**. Que garantia existe de que a interpretação que se faz, digamos, dos atos falhos, dos dados da associação livre é correta? **O** que garante a correção da interpretação?*

Se, por ventura, alguém quiser comentar ou responder a estas perguntas, terá que considerar que elas in-

12. "psicoterapisadas" — no original. Resolvemos manter a palavra do original, pois acreditamos, ser esta uma criação do autor, que "brinca" com os sons, a fim de nos transmitir a idéia de que uma "psicoterapia" que utiliza a simpatia poderá estar, na realidade, "pisando" no "analisante" e não sendo terapêutica.

**dicam** duas **vertentes**: por um lado, e, dada a crítica à idéia de comunicação, o que significa interpretar? E, por outro, quem garante a palavra do analista, sua interpretação ante o relato do paciente? A pergunta pela garantia da interpretação tem-me inspirado. Mas, ajudem-me, em meu trabalho de hoje, conduzir vocês às idéias da teoria e da prática psicanalítica. Voltem ao que já escutaram de **mim**: que a pulsão não tem objeto, que o significante não conduz diretamente ao significado, que o saber sobre a sexualidade está separado da sexualidade. E, finalmente, o sujeito em questão estará sempre, por conseguinte, pedindo algo ao analista: Saber.

Mas, ocorre, além disso, que as pessoas sempre sabem do que estão falando. Como aquele médico que uma vez respondeu a Freud em tom enfadonho que a histeria era uma enfermidade de mulheres, porque a palavra histeria provinha de "útero". E  **você**, que me pergunta, faz uma operação **semelhante**: quando nomeia a palavra interpretação, crê compreender que a palavra lhe permite entender do que está falando; para sair deste embaraço, bastaria que se invertesse algo. **O** conflito do sujeito é um nó onde nem pulsão nem significante lhe servem de garantia de nada, e ele, na verdade, está bem neurótico, baseado no fato de que **nada** quer saber dessa falta de garantias. Quando você pergunta pela garantia da interpretação, de que lado se coloca?

Quero dizer que a interpretação, como palavra, situa-se no interior de um campo **onde** um sujeito busca garantias. A pergunta pela garantia da interpretação é então a pergunta própria do sujeito idêntico ao neurótico que se encerra em sua necessidade de pedir garantias. Ao inverso, de nenhuma interpretação poder-se-ia dizer que consistiu ou que encontrou a verdade absoluta.

**Lacan** diria que a pergunta pela garantia é uma pergunta de universitário. Ou o que daria no mesmo, que pertence ao registro das resistências conhecidas pela análise. A pergunta pelo critério que dá garantia da interpretação não é uma pergunta para ser respondida, senão para ser recolocada. Na psicanálise, trabalha-se unicamente com palavras. Porém o que poderia garantir que um significante conduz unicamente a um único significado? Na verdade, põe em perigo o conceito jurídico (e, por isso mesmo, persecutório) de garantia. Quando o paciente busca a garantia pede Saber sobre seu desejo, tenta estabilizar certos **lugares** de si mesmo que as pessoas chamam intimidade e que têm a ver com o gozo e o sexo. Em psicanálise, a garantia é o que o paciente não poderá deixar de pedir e, neste sentido, tal pedido pertence ao campo da *Transferência*. Além do mais, uma teoria que denuncia a toda epistemologia de objetos dados, é a mesma epistemologia, no momento de sua prática, de uma episteme questionada.

Mas, para **responder-lhe**: não existe, em psicanálise, em relação à interpretação, mais critério de verificação que comprovar se a análise anda ou não. Mas, **como** Saber se a análise **funciona**? Há uma **maneira**: entender o que ocorre na transferência, a relação analítica por antonomásia. Dito de outra maneira: o critério de verificação é que a relação analítica funcione, que ande para a frente, que se abra uma história, que o sujeito em questão possa andar na direção do desejo. Desde Franco a outros censores, você sabem, há muita gente que se preocupa em geral para que as pessoas não tenham história. E eu temo que quem se põe do **lado** do amo é o mesmo que teme pelas garantias. **O** analista não pede ao paciente que seja sério em seu dizer. Mas sim, ao contrário, que seja errante, que associe livremente **enfim**...



Pergunta: *A resposta parece-me adequada, serve para ilustrar muitas coisas. No entanto, minha pergunta não se dirigia tanto ao lado, digamos **epistemológico** da verdade em si, mas sim ao lado terapêutico, à **capacidade** da interpretação de produzir efeitos **terapêuticos**. Em que se garante o terapeuta? Em sua própria **experiência**? De onde surge a garantia de que embora ele saiba não possuir a verdade, não provocará danos ao paciente?*

Parece-me já ter começado a responder-lhe na segunda parte aquilo que acabo de dizer. Mas, poder-se-ia acrescentar que não há porque não pedir, exigir certas coisas àquele que se supõe em posição de analista. Bem, no que diz respeito a sua formação e ademais que ele próprio tenha se analisado. Mas, não quero, hoje, falar deste ponto, que é muito delicado e poderia gerar certos **enganos**.

**Pergunta:** *Mas, não importa que o psicanalista controle seus pacientes **com** outro psicanalista? A questão do controle, o tempo que tem **controlado**...*

Há pouco, tratamos de introduzir-nos em algumas idéias básicas do campo da psicanálise e, agora, estamos falando de formação do analista, de controles **etc**. Mas enfim, não é nossa culpa. Quem sugere um ponto do campo psicanalítico termina logo sugerindo o conjunto de suas questões. Mas, para falar **pouco**: digamos que a questão do "controle" tem em primeiro lugar a ver **com** as "garantias". Se um psicanalista fosse buscar, ao "controlar" seus pacientes, a **garantia**...; enfim, dão-se conta do que teria que se pensar desse psicanalista? Lacan disse que o psicanalista deve-se a si **mesmo**... É só depois de haver refletido sobre este ponto primeiro e capital que poderá propor a **significação** e necessidade de **controles**... E, além do mais, o termo "controle" não

é um tanto policial? Mas, este ponto é árduo. Confio que algum dia possamos falar dele.

**Pergunta:** *O que se tem de pedir ao psicanalista em relação à sua formação?*

Como dizia Freud, não muito que tenha a ver **com** a medicina. Mas, muito mais **com** a lingüística, a lógica, a literatura, o estudo antropológico do **mito**...

**Pergunta:** *Mas, a enfermidade não tem nada a ver **com** a sociedade? Com matérias como sociologia, economia, história da **civilização**?*

Outra **pessoa:** *E eu acrescentaria a medicina (o diz em **tom zombeteiro**).*

Outra **pessoa:** *No entanto, a psicanálise deve ter algo a ver **com** a medicina. Tenho escutado falar aqui de doenças **mentais**...*

**Berenstein:** *Eu diria, para centralizar um pouco o tema da formação do analista, que em sua pergunta existe uma afirmação: que para ser psicanalista tem que ser médico.*

A mesma **pessoa:** *Não. Eu associo enfermidade à clínica. Enfermidade significa clínica e clínica significa um mínimo de medicina.*

Existem associações perigosas, que devem ser revistas. A relação da doença mental com a lingüística não é óbvia, a da doença mental **com** a medicina parece indiscutível. Como se sabe, Freud a discutiu.

Mas, não encoraja o fato de que já falamos deste tipo de questões? Mas, não é um pouco prematuro? Sobretudo que, segundo me dizem, não existe ainda analistas na Galícia. Mas, está **bem:** o **importante** é que **falemos**... E isso por uma razão **fundamental:** porque

ao menos em um sentido (o que digo não é uma afirmação anti-intelectual) não se faz um psicanalista **com** livros. A transmissão da teoria supõe, em psicanálise, a análise do analista e sua relação com outros analistas, o que supõe sempre uma certa transmissão oral do saber. Essa transmissão pertence ao discurso psicanalítico.

**Pergunta:** *Como é que, se em todo ato em que entram em relação dois indivíduos há comunicação, na psicanálise pode-se sugerir que não há comunicação? Mas, não será que no ato analítico se exerce uma dominação por parte do analista sobre o analisado?*

A pergunta parece ingênua. Reconheço que esclarecer definitivamente o que estava em jogo no que eu chamava minhas afirmações dogmáticas, pode não ser fácil. Talvez possa **ajudar** o fato de que em uma disciplina teórica nunca se trabalha **com** objetos reais, mas sim **com** conceitos. Quando você vê dois indivíduos juntos, vê aí um objeto **real**: comunicam-se. Eu lhe perguntaria, em troca, o que entende por comunicação, como **você** a conceitua?

A mesma **pessoa**: *Entendo que a comunicação é um fenômeno objetivo, independente da interpretação que se dê à situação. Ainda mesmo que duas pessoas se encontrem e não se falem, se permanecem em silêncio, a comunicação ocorre da mesma maneira.*

Gosto da idéia de que o silêncio só existe em um universo de palavras. Da mesma maneira que dizia que não há fetichismo entre os animais, acrescentaria que os animais não conhecem o mesmo tipo de silêncio que nós. Mas, quem ousaria dizer que os animais ignoram o silêncio? Do mesmo modo, nunca duvidei de que alguém possa se comunicar com seu cachorro. Talvez foi seguindo esta idéia, que um gênio como Gregory Bateson pôs-

se, um dia, a estudar os delfins. Além do mais, não há outro modo de comunicar-se que não seja por meio de palavras? Aí estão os gestos. No entanto, observem vocês, existe uma diferença de lógica. É certo que se pode cometer atos **falhos com gestos**: sacudir a cabeça, dizendo não, quando na verdade alguém, por cortesia, devia ter respondido que sim. Mas, não se pode associar **com gestos**. Neste sentido (mas isto levaria um seminário **inteiro**), os gestos não são interpretáveis no sentido psicanalítico do termo.

**Pergunta:** *Entre o que meu companheiro pergunta e o que você, Masotta, responde, parece-me ver **um** canal por onde se poderia voltar a propor a questão. Parece claro que quem estabelece, na psicanálise, os padrões de comunicação é o psicanalista, recortando-os em partes, desqualificando o indivíduo em sua problemática. Que tipo de comunicação existe nesta proposta que o psicanalista faz ao psicanalisado? Não se poderia, neste sentido, falar de dominação **desqualificadora**?*

**Outra pessoa:** *Penso que o problema fica assinalado. O terapeuta está aí e o paciente ali; ambos separados por um limite. No meio, um espaço vazio. É nesse espaço que a palavra garantia carece de sentido. Que **garantia**? Mas, então, a comunicação que pede não tem **sentido**...*

**Outra pessoa:** *Ao alienar o campo analítico da problemática da comunicação, só se põe um padrão de domínio sobre o analisado. Quem fixa os critérios de comunicação é o analista. No fundo, o que está em jogo é a dominação do analisado pelo psicanalista.*

Tal teoria não é nova. Existe um teórico da comunicação e terapeuta engenhoso que a expõe cada vez que lhe perguntam algo. Mas, explicarei a você porque a **psicanálise** nada **tem** a ver com a lógica do poder. Ou

melhor, se **tem** a ver é porque o psicanalista trabalha contra essa lógica. O poder, se quiser, é o analisado quem o **outorga**: parte disso **tem** a ver com o que se chama *transferência*. Mas, na análise, a transferência é o que deve ser analisado, o que há que liquidar, dissolver. Porém ainda, tem-se refletido sobre que coisa é o poder? Em primeiro lugar, todo poder se centraliza. Vocês, na Espanha, não o ignoram. Mas, na situação analítica, o psicanalista se descentra até o **psicanalisante**, conduzindo-o, apoiando-o até a sua descentralização, induzindo-o, repito, para que seja **errante**. . . Conduzindo, para que possa falar daquilo que geralmente se cala, dos objetos múltiplos, errantes, de seu desejo. Em segundo lugar, não há poder sem relação do poder **com** o gozo. O que no poder fica proibido é o gozo do outro. Embora seja certo de que o outro goza, de qualquer maneira, **masoquisticamente**. . . Este ponto é **fundamental** para entender o que é a psicanálise, já que a descoberta fundamental de Freud consiste em haver denunciado que a enfermidade é gozo, gozo masoquista (auto-castigo do histérico no sintoma somático de **conversão**). Mas, no discurso do poder, na lógica do poder, este gozo do outro fica escondido. Proibido e escondido. Razão pela qual tanta gente ama aos amos. Porém, além do mais, o psicanalista não proíbe o gozo. Pretende deixá-lo **falar**, devolver-lhe a palavra, deixar que se mostre, na própria experiência analítica, sua origem, sua estrutura, as condições de sua formação. Além disso, a psicanálise deixa o gozo sobre a terra. Os amos o prometem para depois, para o amanhã, unem-no ao castigo e ao látigo, permitem-no se alguém se redime, se paga suas culpas. Como a psicanálise nada **tem** a ver com tudo isto, talvez seja por isso que existe tanta gente que nada quer saber da psicanálise.

Outra pessoa: *Seria bom deixar de lado o poder e começar a falar de religião. Não é dogmática a resposta de Masotta? Masotta não anulou a pergunta? A pergunta é **irrelevante**, somente ele está de posse da verdade da **teoria**...*

Você diz que minha resposta foi dogmática e que exclui a pergunta. Que respondi que a pergunta não entrava no campo **psicanalítico** e que, ao **dizê-lo**, converti a teoria em dogma, como na religião. Parece-me que tudo isto não é certo. Certa didática tem-me ensinado a permanecer atento às operações que realizo, enquanto devo responder. Em primeiro lugar, eu não afirmei que não havia comunicação em geral, mas sim, que quando **intervêm** as palavras, a relação deve ser conceituada de uma maneira alheia aos modelos de comunicação. No entanto, a pessoa da audiência (é o que nos diferencia) não distingue objeto teórico de objeto real, ela segue insistindo nesta **idéia**: a relação analítica é uma relação de comunicação e, se é que a psicanálise a nega, então só restará dizer que a relação analítica é uma relação de dominação. Existem, aí, somente um senhor e um escravo. Respondi que não se podia homologar a posição do amo com a do **psicanalista**: o discurso do amo é centralista, ignora o desejo, o proíbe, exclui o gozo do outro; ou melhor, só o inclui como panacéia da própria relação de domínio. É o masoquismo. Para o psicanalista, o masoquismo não só é analisável, mas também deve ser dissolvido.

Outra **pessoa**: *Sua **última** reflexão é interessante, esclarece o que **tem** a ver **com** a relação **senhor-escravo**. Mas não deixa sem responder por que a psicanálise pode não ser uma relação de comunicação?*

Talvez seja útil explicar a coisa desta maneira. Quando se fala de comunicação, um vetor que se origina

no *Emissor*, passa por uma *Mensagem*, e conclui no *Receptor* (a direção do movimento logo se **inverte**). Na relação analítica, quem emite a mensagem é o *Receptor*, a quem Lacan chama *Outro*, **com** maiúscula, e que não é Deus. As mensagens que nós, aparentemente, emitimos, segundo nossa vontade e nosso querer, são para a teoria psicanalítica Mensagens que se emitem *em* nós e que se originaram *em Outro lado*, em uma estrutura. Lembram-se do catedrático do exemplo em que disse suspender a sessão no momento em que ia abri-la? Quem emite tal mensagem? A psicanálise responde que isso é analisável, que remete à demolição de uma estrutura, que nessa estrutura está em jogo o desejo, o gozo **etc.** Existe, além disso, umas diferenças de lógicas. Mediante palavras (fenômeno que Freud chamou *Verneinung*, denegação) pode-se dizendo "não" afirmar o reconhecimento profundo de um desejo inconsciente. Mas, pensem vocês o que poderia ocorrer, quando, em alto mar, dois barcos se comunicam com um código de bandeiras e se informa o contrário do que se **deseja**...

Uma **pessoa**: *Tudo isso não nega que na situação analítica existe uma situação de comunicação. Quando se comunica algo que não se queira comunicar, não se deixa de comunicar. As ondas sonoras da voz estendem-se e devem ser captadas por algum tipo de membrana: é a orelha do psicanalista. Mas suponhamos que de fato, e, por motivos teóricos, pensemos que a comunicação não é desejável na psicanálise. No entanto, e, nem por isso, a comunicação deixa de existir.*

Há no que você disse um deslocamento do lugar onde eu punha em minhas palavras a significação. Ou seja, essa relação dos efeitos físicos sonoros **com** a membrana do tímpano constitui o que os teóricos da comunicação têm conceituado como *Canal de Contato*. **O** mal foi, para esses modelos que quando se enfatizou o Canal,

terminou-se acreditando que a mensagem somente remetia ao querer dizer do emissor. Dizia que o poder está incluído no discurso analítico, na medida em que a pedra de toque desse discurso é a transferência. Mas, que na análise esta deverá ser dissolvida. Porém, o que entendem por poder? É seguro que não codificam o poder como oposto ao que poderia ser o livre jogo das opiniões? Para vocês, talvez o outro do poder é o liberalismo. Quando na Casa dos Comuns, no Parlamento inglês, contrapõem-se opiniões, o sistema pode ser o melhor que se queira, segundo o gosto **político** de cada um, mas o inconsciente, em tal situação, faz o papel de convidado empedernido. Há algo, vocês sabem, no liberalismo, que deveria ser rejeitado. Se não fosse assim, o marxismo não haveria existido. Talvez não se "libere" a verdade contrapondo opiniões. Mas, na psicanálise é diferente: enquanto o que está em jogo é algo relacionado **com** o **desejo** inconsciente, algo, então, que **tem** a ver **com** a *verdade* do sujeito é o que está em jogo. Não o que o sujeito crê de si, sua opinião, mas sim o que estrutura sua **opinião**...

Pergunta: *(Inaudível)*

**Berenstein:** *O que você, de alguma maneira, introduz agora é a teoria de que a sociedade oprime a pessoa e que, por meio da frustração, produz os sintomas da enfermidade. E, ao mesmo tempo, afirma uma posição próxima à antipsiquiatria de **Laing**.*

Esta questão do indivíduo em relação a variantes e invariantes históricas, que você introduziu, e que, **se**guramente faz sentido em um modelo experimental de controle de dados, só poderia ser útil depois de uma multiplicidade de precauções. **Intranqüilize-se:** creio, de fato, que, em mais de um aspecto, a história, entendida como mudança de costumes e pressões culturais, pode



ser considerada como invariável, quando se trata do sujeito de que se ocupa a psicanálise. Entretanto, e ao inverso, os indivíduos são efeitos, filhos de seu tempo. Mas de época em época há algo que se **repete**: ama-se, por exemplo, e segundo a época, de distintas maneiras, mas nenhuma época resolveu as aporias do amor. Se a pulsão não tem objeto é porque, seguramente, não o tinha na época de Sócrates e Alcibiades. Igualmente, a história varia, enquanto que o desejo é invariável. Basta reler *O Banquete* para compreender que o que ocorre aí a nível do desejo entre Sócrates e Alcibiades se parece em mais de um ponto ao que se **propõe** na situação psicanalítica.

Tudo isso não significa que eu afirme que o psicanalista e seu psicanalisante possam situar-se fora da história real. Confesso, além do mais, que gosto da tese de Guatari (co-autor de *O Anti-Édipo*, livro de que, ao contrário, eu não **gosto**), tese que não sei se conhecem e na qual fala-se de uma "transversalidade" do **desejo**: ou seja, que o desejo se agarra aos objetos que são os objetos da história, os conflitos sociais, as conjunturas políticas. Mas não é suficiente por hoje?

## IV

Vimos aparecer em Freud a idéia fundamental de que o *chiste é o modelo*; ou seja, paradigma de toda formação. É sua operação, aquilo **que** produz o chiste como resultado, que é paradigmático para Freud. A permanência da palavra e o deslizamento do significado. Para que exista chiste, o sentido deve passar por um certo estado peculiar, primeiro ficar obturado, para, imediatamente depois, abrir-se até a **uma** nova **direção**: primeiro extravio do sentido e depois surpresa.

Mas, **acrescentávamos**: o significante define o limite do próprio campo da psicanálise como prática. Aqui, quem fala não emite o que **diz**: quem fala é o inconsciente. No lapso, o sujeito recebe uma mensagem que provém de outro lugar (**o** lugar do **Outro**); essas falhas da linguagem constituem, em primeiro lugar, para o psicanalista, as pegadas de uma pista que não se pode perder, a do desejo inconsciente. **O** emissor, diz Lacan, recebe do receptor a **mensagem**: porém, recebe-a em forma invertida. **O** catedrático de nosso exemplo pretendia abrir a sessão; o lapso permitiu escutar ao contrário, que queria terminar de uma vez **com** ela. É preciso uma atenção peculiar para seguir a pista destes **retorcimentos** da direção do querer dizer.

Havíamos evocado a ordem de temas que Freud elege quando quer guiar sua audiência até uma *Introdução à Psicanálise*. Primeiro o lapso, o equívoco, o ato **falho**: todos os fenômenos de nossa vida desperta. Mas, imediatamente, sugere novo **tema**: o sonho. Na passagem de um tema a outro, emerge, na obra, o encaixe fundamental: o desejo. A fórmula freudiana de que o sonho é uma realização dos desejos, situa-se, sem dúvida, no fundamento do campo teórico e prático da psicanálise. Que o sonho seja a realização do desejo não significa, nos diz, não mais que o sonho é o guardião do dormir. Ou o desejo se realiza na vida desperta, através das falhas da palavra, ou se realiza no **quebra-luz** do sonho, para **permitir** que o sujeito durma. Percebe-se, deve haver algo doloroso no desejo, inabordável para a consciência desperta. **O** desejo não é a panacéia da consciência.

Mas, quando se aborda o estudo do sonho, nós nos vemos logo diante do significante. Freud gosta do exemplo de Alexandre, **com** seus exércitos, diante da cidade de Tiro, que tem um sonho e pede a ura intérprete que o decifre. Alexandre tinha sonhado **com** um Sátiro e o intérprete lhe **disse**: "*Avante, Alexandre, teu sonho quer dizer que Tiro é tua!*" (Ta **Tiro**). Mas, em seu afã didático, Freud deve começar por mostrar que **O** sonho é de fato uma realização de desejos. Utiliza, para prová-lo, de maneira **parcimoniosa**, os sonhos infantis e os de privação.

Recorda o exemplo da menina Ana Freud, a quem na véspera haviam proibido que colhesse cerejas e que no sonho come todas as cerejas. Freud conta, também, o exemplo de outro menino que havia visitado as montanhas, mas, sem poder chegar até o lugar onde queria ter chegado: no sonho, o menino se vê nesse lugar. **O** mesmo ocorre **com** os sonhos de privação. Com o que

sonham os exploradores do pólo a não ser com tudo aquilo que não **têm**: o calor suficiente, comida quente e abundante etc?

No entanto, teoricamente falando, estes exemplos são perigosos. Freud não deixa de assinalar. Servem para nos mostrar, bem rapidamente, até que ponto os sonhos realizam um desejo, mas são enganosos se quisermos aprender deles a estrutura essencial do desejo em questão. **O** desejo parece definir-se neles por seu objeto; o que não tem sido alcançado no real, aparecerá conseguido no **quebra-luz** alucinado do sonho. Que o sonho é uma realização do **desejo** significaria que a privação real aparece em positivo ou tal qual no sonho. **Bem**, agora, temos que, ao menos, estar de acordo **com** isto: o objeto do desejo não é jamais o objeto **alucinado**; trata-se do quebra-luz do sonho ou da alucinação psicótica. Os psiquiatras sabem bem quando se encontram com os produtos frondosos da alucinação delirante. Um delírio não é fácil de interrogar nem de interpretar. Além do mais, a alternativa ou privação real, ou logro alucinado, conduz a um modelo teórico falso, **incompleto**. **O** erro consiste em manejar-se em dois registros e exclusivamente em **dois**: ou há realidade ou há imaginação. Mas, vocês têm **visto**: o inconsciente **tem** a ver **com** a linguagem, com a estrutura do significante, **com** a palavra. **Em** um modelo correto, **falar-se-ia** em três registros, **introduzindo-se** o registro da palavra, do simbólico.

Somente em um campo teórico de três registros é possível inscrever, então, a pergunta pelo desejo. Como compreender a frase freudiana segundo a qual o sonho é uma realização do desejo?

Antes de tudo, seria necessário recordar esta simples idéia. No sonho, o desejo se realiza mas — como nos vem dizer Freud — somente o faz, disfarçando-se. Ou seja, que entre o desejo e o sonho como realização,

**medeiam** os disfarces. No sonho, tudo fica desfigurado: os disfarces são funções da censura que o desejo teve que atravessar. Igualmente, há comportas, passagens, disfarces, mediações; isto é, a relação do desejo a seu objeto no sonho não é direta.

"Desejo beber um copo de suco de laranja" — pede um menino depois de ter bebido dois copos de água e um suco de limão —. No desejo há algo que falta, mas uma falta *excessiva*. Por isso os sistemas sociais nada querem saber do desejo. Se os indivíduos afirmam a falta muito além do mínimo de que necessitam, onde se **vai** parar? A psicanálise sugere, ao contrário, que, em primeiro lugar, o desejo promove, se quiserem, tal excesso da falta.

Também, poder-se-ia dizer que o desejo é a insatisfação que restou depois do acúmulo da necessidade. **O** desejo vive de sua insatisfação, resguarda esta estranha **função**: a função da insatisfação. Freud o dizia **com** todas as **letras**: nenhum objeto coincide **com** o objeto que o sujeito busca. **O** desejo é como uma lançadeira, que continua tecendo, quando, à primeira vista, parece que o trabalho está terminado. Esta relação profunda **do** desejo **com** a insatisfação liga-o à instabilidade do objeto da pulsão.

Voltemos a nossa questão. **O** que significa a frase freudiana segundo a qual no sonho o desejo se realiza? Eu teria que responder desta **maneira**: quer dizer que *no sonho o desejo se articula*. Isto **é**, que encontra seus elos, constitui-se em seqüência de representações. Por intermédio da associação livre, a análise descobre que o sonho contém um conjunto de representações, de recordações, de vivências relacionadas entre si. Pelo mesmo motivo que o desejo se articula no sonho, significa dizer que no sono o inconsciente trabalha, recorda as vivências, as relaciona e produz um resultado: o sonho.

Dizer que no sonho o desejo se articula é o mesmo que dizer que no sonho o desejo se *elabora* (para usar esta velha palavra conhecida de psicoterapeutas e psicanalistas). Mas, a que eles se referem quando dizem que o paciente "elabora"? Quer significar a incorporação positiva do trabalho terapêutico, que agora, por exemplo, o paciente é capaz de situar-se de maneira diferente em relação a seus filhos, a sua mulher. Ou seja: que pode *simbolizar* os conflitos, ao invés de atuá-los **com** violência, e também, que o paciente é capaz de diminuir sua ansiedade. Quando o paciente *elabora* pode dar-se **tempo**: é o que ocorre com o desejo no sonho. No sonho, o desejo se dá tempo. Daí o valor terapêutico positivo que, às vezes, é possível reconhecer ao sonhar. Um paciente deprimido vem às sessões durante três, quatro meses, sem pronunciar uma só palavra. Diz que não tem nada a dizer. Um dia, relata um **sonho**: sem dúvida, há que conceder ao aparecimento desse sonho um caráter dinâmico; algo começou a *elaborar-se* no paciente, algo que está relacionado **com** seu desejo **inconsciente** passará, agora, à relação com o analista. Freud falava de *Traumarbeit*, de trabalho do sonho. É o trabalho, a elaboração do desejo. O sonho é a jornada do desejo, o lugar de sua produção e de sua articulação.

O sonho é o lugar onde o desejo se elabora, se articula e se dá tempo; ao contrário de quem pensava que o objeto do desejo aparece em pessoa no quebra-luz alucinado do sonho. No sonho, o desejo não obtém seu objeto diretamente, mas sim **indiretamente**: por *procuração*, obliquamente, por meio de desvios. Procuração: quer dizer algo simples. Suponhamos que existe ali uma cesta e eu quero apanhá-la. Ou ponho-me de pé e vou buscá-la, ou digo à minha mãe, que está mais perto dela, que a pegue para mim. Este é o caso do desejo: que procuro a cesta por meio da ajuda de minha mãe.

Eu, minha mãe e, então, imediatamente, a cesta. Eis aí uma articulação, uma cadeia de três elos.

Mas, existe um exemplo muito melhor para falar da elaboração, da articulação, da procuração indireta do **objeto**: os desenhos de um humorista norte-americano, cujo nome não me vem, neste momento, à memória, bem conhecido e aceito pelo público de seu **país**, lá pelos anos trinta. Seus desenhos eram inconfundíveis, apareciam todas as semanas. Sempre se tratava do mesmo assunto, ainda que os objetos da articulação fossem diferentes a cada **vez**. . . Eram inventos de estranhas máquinas construídas com o fim específico de obter um certo resultado preciso. A **comicidade** consistia em que o objetivo procurado era sempre insignificante, enquanto que a maquinaria para atingi-lo era complicadíssima. **O** objetivo, por exemplo, era descascar uma laranja. **O** título do desenho do dia **era**: "*Como ter uma laranja já descascada no mesmo momento em que você entra na sua casa?*" A idéia, em que alguns críticos entusiastas do humorista viam uma sátira à sociedade norte-americana, relacionava, é evidente, um fim estúpido **com** uma exigência de economia e poupança. Via-se, no desenho, uma pessoa chegando a sua casa e abrindo a porta. A porta, ao abrir-se do lado de dentro, afrouxava uma corda que passava por uma arandela no teto, de tal maneira, que uma gaiola com um pássaro descia até a altura do solo. Um gato saltava, então, sobre o pássaro, pondo em movimento, por intermédio de uma corda atada a seu rabo, um gramofone, que, por sua vez, movia um disco no qual se havia fixado uma **faca**: em cada volta, esta cortava a casca da laranja fixada a uma distância adequada. Não era cômico? Impressionava nestes desenhos uma certa malignidade de **fundo**: sempre aparecia um animal gemendo ou furioso do qual se utilizava e fazia sofrer. **Com** o sonho, passa-se algo se-

**melhante** e **eu** não diria que no desejo **subjaz** algum princípio de bondade ou de bem.

Além disso, na análise dos sonhos, a pessoa encontra-se, constantemente, **com** idéias de culpa e de egoísmo. Ao contrário, quem *é*, no desejo, o animal utilizado que geme?

Gostaria de acrescentar mais um exemplo disto que chamo *relação de procuração*. É o caso de certos amores adolescentes. Supõe-se (e trata-se de uma suposição) que é a atitude normal, como se diz, do adulto, no caso de um homem interessado sexual e afetivamente por uma mulher, que é capaz de enfrentar seu desejo, aproximar-se da mulher e lhe dizer: "Oi, Maria, gosto de você", ou melhor, se o interesse é ainda mais direto: "Maria, quero que venha para a cama comigo". Mas, ocorre, muitas vezes, que os adolescentes (pelo menos na minha época) são um pouco mais tímidos. Suponhamos que o jovem João está apaixonado por Maria, já o confessou a si mesmo. **O** que João faz, então? Descubra, em primeiro lugar, que quanto mais ama Maria, mais tímido fica quando vai abordá-la. Decide, então, não dizer à Maria, mas sim fazer **com** que ela saiba por intermédio de **outros**. Como sabe que Maria tem uma irmã, Cecília, e que esta tem uma amiga, Luísa que, por sua vez é bastante amiga de um amigo seu, de João, que se chama Pedro, compreende logo qual será a via pela qual pode fazer chegar ao conhecimento de Maria a mensagem sobre o seu ardente desejo. Diz, então, a Pedro que, por favor, diga à Luísa, que é amiga de Cecília, que esta diga à Maria, sua irmã, que ele, João, enfim, **ama**. . . Cômico, ridículo? Mas, não poderia servir esse exemplo de modelo de coisas que efetivamente ocorrem em outros fragmentos da vida social? E isso por uma simples razão que foi vista por **Hegel**, de que o social nada mais é do que uma rede de desejos. Uma observa-



**ção** a mais, para que possa conduzi-los mais um passo até isso que hoje pretendo **abrir**: começar a pensar sobre que coisa é o desejo. Suponhamos que, em nosso exemplo, Pedro, uma das pessoas que João usa como elo para fazer **com** que Maria conheça seus desejos, que o próprio Pedro, digo, encontra-se, obscuramente, apaixonado por Maria ou **interessado** por ela. E que, de qualquer maneira, Pedro **presta-se** ao pedido de João. E que, ademais, João não ignora o que está ocorrendo a Pedro. Não se poderia dizer que não é muito bondoso por parte de João querer comprometer a Pedro em suas questões **com** Maria? Não existe aí, como no exemplo dos desenhos humorísticos, um animal que **geme**? Além do mais, que procura Pedro, prestando-se a ajudar a João, com satisfação? Tudo isso é muito complicado, é óbvio. Estará relacionado com isso que chamamos **desejo** e que nos parece pertencer a um indivíduo particular, com algo do tipo de uma rede de desejos? Vocês, por acaso, já leram Stendhal? O **novelista** da Cartuxa de **Parma** sabia, muito bem, como seu mestre **Laclos**, que, em se tratando do desejo, há sempre, uma rede de desejos. Mas é sempre o outro e jamais o sujeito, o animal que geme quando está no jogo o desejo?

No sonho, o desejo se inscreve, realiza-se como uma escritura, como uma cadeia de relações. Se hoje eu quisesse avançar um passo no que diz respeito ao que se deve pensar do desejo, deveria dizer, além disso, que esta inscrição, que esta articulação, que esta elaboração do desejo no sonho talvez não exista sem sua interpretação psicanalítica. Abram, vocês, qualquer livro de Freud e logo verão como essa série de inscrições, na qual o sonho se consiste, não **aparece** senão à condição de ser interpretada. A análise do sonho desanda o mesmo caminho a que o "trabalho do sonho" havia recorrido, mas não poderíamos nos inteirar desse recorrido sem

este novo trabalho de percorrer o caminho em retrocesso, até o desejo **infantil** . . .

A sociedade, ensinava **Hegel**, consiste em um conjunto de desejos, **desencadeando-se**, mutuamente, como desejos. Mas, voltemos, por um instante, a nosso exemplo. Ao inteirar-se João de que Pedro deseja também chegar a manter relações **com** Maria, o que pode **ocorrer**? Não lhe poderá ocorrer que o **desejo** de Maria por Pedro intensifique seu próprio desejo por Maria? **Bem**, agora, **poder-lhe-ia** ocorrer muitas outras coisas, mas, o que Freud e **Lacan** vieram, sem dúvida, nos dizer é **que**: é este último, exatamente, o que *não pode deixar de ocorrer*.

**Definitivamente**: o desejo que no sonho se articula é desejo que está diretamente ligado ao desejo do outro. O objeto do desejo sempre se relaciona **com** o objeto do desejo do outro. Quando se trata do desejo, há sempre "pluralidade de pessoas psíquicas", para **dizê-lo com** uma frase que Freud usou uma vez para referir-se à identificação histérica.

Tocamos, agora, este ponto, a relação do desejo **com** a histeria. Relação intrincada, estreita, até o extremo, que me parece, deveríamos dizer que, sem o conhecimento psicanalítico da histeria, jamais poderíamos chegar a antever o que é o desejo.

A histeria? A histeria, em primeiro lugar, é aquela que **jamais** aborda o **objeto** de frente, diretamente. Procura-o, às vezes, infrutiferamente, por procuração. Daí, Freud querer intitular seu ensaio sobre o caso clínico conhecido pelo nome Dora ("Fragmento da análise de um caso de histeria", 1905) deste **modo**: *A histeria e os sonhos*. É que talvez exista uma analogia profunda entre o sonho e a histeria. Antes e mais além de qualquer teoria da personalidade psiquiátrica ou psicoterapêutica sobre a histeria (e todas coincidem em redundar em tea-

tralização, a sedução **histórica**), o seu problema fundamental é que não pode determinar o objeto de seu desejo. É por isso que, às vezes, o psicólogo ou terapeuta sucumbe à tentação de pressionar a histérica para que "assuma", como se diz, o objeto sexual. As histéricas, como se tem dito, podem tornar-se insuportáveis, obstinadas. Mas, em psicanálise, ao contrário, não se trata de fazer **com** que o paciente "assuma" **nada**: o conceito de "assunção" (que evoca a elevação da Virgem ao céu, ou seja a promoção da denegação da castração) eu diria, não pertence às operações incluídas e interessantes para a psicanálise. A histérica, em primeiro lugar, como demonstraram Lacan e seus discípulos (**entrem** em contato **com** os apaixonantes trabalhos de Lucien Israel em **Alsácia**), mereceria elogios. E, de fato, ela não nos conduz à idéia de que não existe desejo sem labirintos?

Aos dados da clínica tradicional que insiste na teatralização histórica, começa acrescentando esta verdade de **Calino**: a histeria começa quando há três. Para jogar com o **significante**: a histeria **tem** "par", isto é, quase sempre é ela mais um matrimônio ou um par de amantes, ou um homem e uma mulher. É o primeiro que ressalta quando se lê o caso clínico de Dora. De fato — e se o comprova ao longo e no desenvolvimento da observação de Freud — o problema de Dora não é somente com o senhor **K.**, e Freud tarda em compreendê-lo, mas *também e simultaneamente* com a mulher de **K.** Seu problema é **com** o par matrimonial, com ambos simultaneamente e não **com** um único objeto, o senhor K. unicamente ou a senhora de K. unicamente. A histeria deste caso o seu tratamento **psicanalítico**, tem, seguramente, uma certa relevância na história da doutrina. **O** relacionamento de Freud **com** Dora não estava bem, mas, trata-se de um fracasso **positivo**: **fica**, aqui, um ensinamento.

No começo do tratamento, Freud tenta induzir Dora para que reconheça no senhor **K.** objeto de sua tendência sexual; é bastante **infrutífero**: é como se a relação não andasse. Ao final do tratamento, Freud começa a pensar de maneira distinta e lhe parece comprovar que, mais além dos interesses libidinais de Dora por K. existe uma clara tendência homossexual de Dora pela senhora de K. Comunica isso à paciente, que recebe a interpretação bastante friamente. Dora abandona o tratamento. **O** que ocorria — e é Lacan quem nos guia no enigma — é que o interesse de Dora residia na relação dos personagens do par e não nos personagens separadamente. A libido da histérica transpõe a relação do homem e da mulher e só se interessa por cada um deles a partir da perspectiva do interesse do outro. **O** interesse de Dora por **K.** não é outro a não ser o resultado da identificação de Dora **com** a senhora de **K.** **O** desejo de Dora por K. é o desejo da senhora de K. por seu esposo. **O** mesmo **com** o que Freud interpretou como tendência homossexual de Dora, o interesse pela senhora de K. nada mais é que Dora anunciar por K. esse objeto do desejo.

Durante a famosa cena do lago, o senhor K, que não deixava de cortejar Dora, infrutiferamente, diz à Dora que ela era tudo para ele. E para ratificar-lhe a confissão, acrescenta-lhe que, ao contrário, sua própria mulher "não era nada" para ele. A reação de Dora é **surpreendente**: premia-o com uma bofetada, que surge espontaneamente e **com** rapidez de uma chibatada, à cortesia e à declaração do amante. Compreende-se o sentido e a origem da bofetada? Poder-se-ia dizer que não é a mão de Dora que a dá, mas sim, através **dessa** mão, a estrutura inconsciente em que a histérica está aprisionada. A bofetada é uma **mensagem**: "*O que podes tu significar para mim, já que tudo o que me interessava em ti era o interesse de tua esposa por ti? Mas, casual-*

*mente, a condição desse interesse é que tua mulher fosse algo para ti."* Em **resumo**: se o homem significa algo para a histérica é porque este se situa no circuito do interesse da outra mulher. Mas, a condição desse circuito é que a outra mulher seja desejada pelo homem.

É **interessante**: o acesso ao objeto do desejo é outorgado por um terceiro. O objeto é o objeto do desejo do terceiro. Com respeito a este terceiro, existe um artigo de Freud que traz o caso de certos sujeitos masculinos que unicamente podem sustentar o desejo sexual por mulheres quando estas se encontram já comprometidas **com** outro sujeito **masculino**, marido, amante ou o que seja. Trata-se do artigo "**Sobre um tipo especial** da escolha de objeto no homem" (1910). Freud **assinála** que a intenção de tais sujeitos não é outra que não seja sobre o modelo da hostilidade edípica ao pai, ocasionar um prejuízo ao terceiro homem em questão. Exemplo interessante, já que tal "prejuízo do terceiro" assinala algo que se situa, claramente, na linha de nossas reflexões. Tais tipos de sujeitos masculinos, pode-se adivinhar, permaneceriam indiferentes em uma ilha deserta diante de um sujeito do sexo oposto. Deveríamos colocar outro homem na ilha para que algo da ordem do **desejo** pela mulher começasse a se despertar, no sujeito em questão. Lembro-me, agora, do caso de um esquizofrênico que pude entrevistar **em** um hospital de Buenos Aires e que, durante anos, só se interessava pelas mulheres que haviam tido algo relacionado **com** um amigo seu e unicamente **com** esse amigo.

Dizer, então, que o objeto é uma tendência enviesada, oblíqua, que não aborda ao objeto diretamente, é referir-se, também, à estrutura da pulsão, a que, e por **definição**.— repisamos — não assegura nada ao que diz respeito ao objeto. Neste sentido em que o terceiro **desejante** seja quem dá o acesso ao objeto (Dora deseja

a **K.**, unicamente na medida em que K. é o objeto de desejo da senhora de **K.** — ao menos em sua **crença**), significa que tal obliquidade do desejo cumpre uma função: ajuda a estabilização do sujeito da pulsão. Mas, na verdade, é como se a estrutura fosse de mal a pior. Da instabilidade do objeto da pulsão, passamos a **essa** insatisfação fundamental que define todo o desejo humano. Mas essa insatisfação é fundamental, atua como comprovante da função da falta.

Outro exemplo freudiano ajudar-nos-á a comentar o mesmo, poderemos vê-lo de acordo com diferentes implicações, de distintos pontos de vista, em distintos níveis. **E** o exemplo de Freud que vocês poderão encontrar no capítulo IV de *A Interpretação dos sonhos* e que Lacan intitulou "a bela carniceira". **O** que está em jogo nesse texto de não mais de duas páginas, pode parecer **enredoso**; mas é só porque o que está em **jogo** é o desejo desta histérica que Freud coloca como exemplo dessas pacientes que pretendem contradizer sua teoria. Você, Freud, diz que o sonho é uma realização de desejos? Pois bem, eu lhe contarei um sonho em que, casualmente, meu desejo não se cumpriu. De fato, a mulher havia **sonhado**:

*"Quero dar uma comida, mas não disponho de nada mais do que um pouco de salmão defumado. Penso em sair para comprar o necessário, mas lembro-me que é domingo e as vendas estão fechadas. Tento logo telefonar a alguns fornecedores, mas acontece que o telefone não funciona. Deste modo, tenho que renunciar ao desejo de dar a comida."*

Freud lhe responde, em primeiro lugar, que necessita de mais dados; convida, então, de alguma maneira, que a paciente associe. **Ver-se-á**: quais são neste sonho os traços da *procuração* do objeto?

O casal tem uma mulher amiga, delgada, magra e feia; poder-se-ia dizer exatamente o tipo oposto de mulher que agrada ao marido, este carniceiro para quem ela, mulher, digamos de carnes suficientes, é o tipo ideal. Mas, para começar, vocês já têm o triângulo: a histérica, o homem (neste caso, seu próprio marido) e a terceira. A primeira análise de Freud mostra à paciente que o sentido **de** seu sonho seguia a direção de seus ciúmes. Não dar a comida era a maneira de assegurar-se de que sua amiga não engordasse, para não correr o perigo de que seu marido viesse a gostar dela.

Mas a interpretação que Freud faz deste sonho que lhes recomendo que leiam meticulosamente, mais de uma vez — mantém-se em mais de um nível de **análise**. Como se o sonho não fosse somente uma escritura (ler a respeito o breve trabalho traduzido **para** o espanhol com o título de “O block **maravilhoso**”).

Mas ainda, no relato da paciente, aparece algo digno de chamar a atenção. Brincando, a paciente sempre dizia a seu marido que ela gostava muito de **caviar**; mas faz-lhe ao mesmo tempo a ressalva, de que, por favor, não lhe compre caviar. Isto para um marido que satisfazia imediatamente qualquer de seus caprichos. *“Observo, além do mais — escreve Freud — que minha paciente se vê obrigada a criar na vida um desejo insatisfeito.* (Obras Completas, I, 330)

Mas a paciente lembra-se de uma anedota, que se refere a seu próprio marido, que, se não fica suficientemente analisada no texto, Freud, ao menos, não deixa de indicá-la. O marido lhe havia contado que, no café, um pintor quis **retratá-lo**, que lhe disse que jamais conhecera cabeça mais expressiva. O marido, porém, respondeu-lhe que, seguramente, um pedaço de traseiro de uma mulher seria mais agradável de pintar que toda a sua cabeça.

Mas qual é a conexão? A histérica que, de alguma maneira sem sabê-lo, sabe que o desejo não se define pela satisfação (sobretudo esta que pretendia que o marido lhe permitisse um desejo, o caviar, sem satisfazê-lo), o que podia escutar na anedota do pintor a não ser que também seu marido, e de alguma maneira, ele também sabia, sem sabê-lo, de quais qualidades é feito o desejo? Vê-se, então, por qual desvio surgem os ciúmes para **com** sua magra e feia **amiga**: ela deveria ocupar algum lugar no desejo de seu marido, já que, pelo tipo, não era a que podia **satisfazê-lo**. E ainda, e além dos ciúmes, o final do breve texto de Freud é apaixonante, a bela carniceira se identifica **com** a **amiga**:

*"Para ocupar o lugar **que** aquela ocuparia na estima de seu marido."*

Mas é suficiente. **O** que está em jogo neste exemplo difícil é a relação da tendência sexual ao Saber. Propriamente falando, a histérica pouco sabe do objeto de sua tendência. **O** que é ser uma mulher? Se a bela carniceira se identifica **com** a amiga, ela que sabe que de alguma maneira seu marido sabe o que é o **desejo** (**algo** que não **tem** a ver **com** o objeto **satisfatório**), não é antes de mais nada porque é a outra mulher a que deve saber? **O** quê? **Bem**, que é uma mulher, o que ela não sabe. Daí a radical sedução da "**bela**" em questão por sua magra amiga... Mas, vocês encontrarão um comentário deste exemplo nas páginas 142-148 de minha *Introducción a la lectura de Jacques Lacan* (na edição Corregidor, 1974)\*. Assim mesmo, podem referir-se aos lugares da obra de Lacan aos quais meu texto remete. Finalmente, insisto, deve-se ler **com** cuidado e mais de uma vez o belo texto freudiano da bela **carniceira**...

\* Este livro está sendo traduzido para o português e será brevemente lançado pela Editora Papirus.



## V

De acordo com a ordem dos **temas** que figuram no **programa\*** deveria falar agora sobre psicanálise e medicina, ou melhor, sobre o Saber médico e o Saber no interior do discurso psicanalítico. Não me aprofundarei muito no tema, mas não é mais ou menos óbvio, como assinala Lacan, que, em se tratando do desejo, os poetas estão mais bem preparados **do** que aquele que foi formado nas disciplinas médicas? Mas prefiro passar o ponto por alto e apresentar simultaneamente um argumento poderoso. Consultem algo do que o próprio **Freud** pensava sobre este **ponto**:

"Sobre o ensino da psicanálise na Universidade" (1919) (Obras Completas, Tomo III, 1968, página **994**).

"A psicanálise *silvestre*" (1910) (Obras Completas, I, **1948**, p. 315).

"Psicanálise e psiquiatria", em *Introdução à Psicanálise* (1916-1917) (Obras Completas, I, p. 183).

"Os Sonhos" (1901) (Obras Completas, I, p. 231).

"Análise profana" (1926) (Obras Completas, II, p. **750**).

\* Ver prólogo.

Vocês podem também consultar a intervenção de Jacques Lacan na mesa redonda organizada pelo Colégio de Medicina na Salpêtrière, em 16 de fevereiro de 1966, publicada em mimeógrafo sob o título de "Psychanalyse et Medecine".

Para não passarmos completamente por alto da questão, diremos que há um saber médico, o que se aplica, é óbvio, aos objetos de seu campo, enquanto que na psicanálise é o próprio lugar do Saber do que se trata. No sujeito chamado "paciente" **está** em jogo uma relação do gozo, o desejo e a pulsão, **com** os objetos de seu Saber. Seria um mau médico aquele que viesse ignorar a evolução e o tratamento de certos males determinados; mas seria um péssimo psicanalista aquele que pretendesse Saber sobre esses objetos dos quais o paciente já pretende Saber (no sentido da **função**), enquanto que estes lhe são enigmáticos.

Porém, este ponto poderia ser abordado por um lado mais simples. Na medida em que se trata do desejo e do gozo, o que está em jogo no campo da teoria **psicanalítica** é o corpo do sujeito. Porém, este corpo, feito de superfícies e limites, pouco se relaciona com o corpo orgânico e **anatômico** do qual se ocupa a medicina. Poder-se-ia dizer que, em um caso o Saber une o médico aos seus objetos, enquanto que no outro, o psicanalista deve evitar que o **objeto** una-se **ao** Saber. Poderíamos chamar corpo erógeno a esse corpo que pode gozar ignorando que goza **ou** que pode conseguir o gozo como certeza, sem deixar de ignorar a gênese e a estrutura dessa certeza e desse gozo. Corpo erógeno: seletivo, feito de limites. A psicanálise nos diz a respeito que esse corpo é o resultado de um "**learning**" (para **dizê-lo com** uma palavra que carece de alcance na **psicanálise**): no en-

13. "**learning**" — no original. A tradução seria: "aprendizado".

tanto, o corpo erógeno originou-se no contato com o corpo da mãe.

Falar de Complexo de Édipo na teoria psicanalítica significa referir-se, então, às relações mais precoces da criança **com** o objeto primordial, a mãe, ao valor "**sexophoro**" dos primeiros cidadãos maternos. A teoria de Freud mostrou em primeiro lugar a força de uma primeira sedução inevitável, a que é exercida pela mãe. Freud chamou desenvolvimento da libido às conseqüências da história dessa relação de amor da criança com a mãe. Porém, ainda — e eis aí a verdadeira originalidade da doutrina — Freud assinalaria o aspecto gravemente conflitual que inaugura esse desenvolvimento.

A teoria do desenvolvimento da libido, a teoria das "etapas" (oral, anal **etc.**) é a história da sexualização do corpo em um mau lugar (está bem **dizê-lo assim**).

Se o corpo erogeniza é porque extrai, em primeiro lugar, sua sexualidade **de** seu contato com o corpo da **mãe**: o **faz**, então, em mau lugar, porém o único possível, já que, casualmente, aí, na primeira infância, aprende os duros e claros esboços do que será sua capacidade sexual, com aqueles que, de maneira categórica, essa sexualidade estará proibida.

A idéia freudiana do desenvolvimento libidinal é uma peculiar teoria da aprendizagem, que não se relaciona com nenhum comportamentalismo, já que a teoria contém em si mesma os conceitos capazes de explicar as "fixações", as interrupções do desenvolvimento, as "regressões". Porém, a peculiaridade fundamental, além desta aprendizagem, é a **seguinte**: **com** quem se aprende é exatamente **com** quem não poderá o **aprendido** ser utilizado. **O** lugar edípico das relações do sujeito infantil **com** seus pais é o lugar onde incidirá esse impedimento de fato que se chama proibição do incesto.

A proibição do incesto, constitutiva de toda sociedade humana, (a nível de suas normas ou suas leis, sabe-se, não existe sociedade permissiva a respeito) é causa estruturante do corpo erógeno, isto é, de um conflito de base que se constrói sobre o fio **de** uma transgressão, a que define esse tipo especial de aprendizagem por onde o corpo se investe **de** sexualidade.

Em seu desenvolvimento, em seu crescimento, o sujeito deverá elaborar esse conflito fundamental, esse nó que não se desata, e que no mesmo sentido não pode ser de todo superado. Tratando-se do desenvolvimento do sujeito — os marcos que constituíram sua erogenização como corpo e como sujeito —, toda “**superação**” poderia ser **perigosa**: se o sujeito há de ser um ser sexuado, o aprendido no conflito do acesso ao sexo, **com** sua proibição, deverá ser conservado. Ao contrário, o sujeito deverá desprender-se do lugar da aprendizagem, isto é, da mãe; deverá perder esse corpo de referência **inicial**: existe, aí, um *corde* necessário. Porém, vê-se que o nascimento em si mesmo, a separação do útero materno pouco se relaciona **com** tal corte. **O** nascimento pode, no discurso teórico, simbolizar o corte, porém não o representa. Esse corte, que isola o sujeito do aprendido, porém, não no ventre da mãe, mas sim no corpo também erogenizado da mãe, toca, por assim dizer, os fundamentos da estrutura do sujeito: se a proibição do incesto não incidisse sobre os dados da aprendizagem social, se não “marcasse” o corpo erógeno do sujeito, poderia ocorrer até a ruína completa de sua história de ser sexuado. Porém, oferecidos os dados de partida desse aspecto conflitual constitutivo, Freud dirá que a neurose é a coisa mais bem distribuída do mundo. Antecipemos, desde já, o nome **com** que a teoria batizou tal corte: é a castração. Chamaremos, daqui por diante, “**castração** simbólica” à função positiva do corte.

Quando Freud relata casos de impotência no homem, mostra **como** estas resultam desta incrustação da proibição do incesto **na** aprendizagem da sexualidade no corpo também erógeno da mãe. Algo não foi elaborado no conflito original e o comportamento sexual masculino torna-se improvável. Freud assinala até que ponto, também, a impotência no homem está mais bem distribuída do que geralmente se crê, e que, ao menos, em algumas oportunidades, ainda que sejam poucas, todo homem é impotente. É que a libido no sujeito masculino deve atravessar uma comporta que, repentinamente pode não se abrir. **O** homem deve relacionar-se **com** seus objetos sexuais a partir do modelo do objeto primordial, a mãe, mas, para isso, deve poder transgredir o que encontra do modelo, na mulher. Há homens em que se vê, claramente, até que ponto escolhem a mulher a partir do modelo da mãe, porém a clínica descobre que quando têm que **abordá-las** sexualmente, vêm-se fisicamente paralisados.

Nesta perspectiva o Complexo de Édipo não é mais que essa encruzilhada, uma espécie de nó **borrowiano**, onde a proibição é condição da erogenização e o sexo algo assim como a repetição da transgressão, já realizado no ponto de partida.

Resumo de A. Berenstein. *Coincidiu o ponto de **partida com** o ponto de chegada de ontem, a questão do chiste e suas conseqüências, por **assim** dizer, a importância teórica e prática do chiste. **O** chiste aparece como modelo das formações do inconsciente, o sintoma, o sonho, o lapso, o esquecimento, o ato falho.*

*Porém, ainda, e a partir do ponto de vista do campo da prática psicanalítica, o chiste é o próprio modelo da palavra na função da análise. Afirmou-se que este modelo — o campo ou situação psicanalítica — pouco se*

relacionaria com os modelos de comunicação ou de informações, onde está em jogo uma relação unidirecional, digamos, normal, entre o emissor da mensagem e seu receptor.

Masotta referiu-se ao sonho e sua estreita relação **com** o significante para evocar a fórmula de Freud, segundo a qual o sonho é uma realização de desejos. Lembrou-se da relação entre o desejo no **sonho** e que o **sonho** funciona como guardião do dormir, tomou o exemplo dos sonhos infantis e os sonhos de privação. Porém, os últimos podem induzir a opiniões equivocadas, à idéia de que o desejo se define pela clara determinação de seu objeto. E ainda, também a idéia equivocada de que o objeto do **desejo** é alcançado no quebra-luz alucinado do sonho. **O** que não se obtém, na realidade, obtém-se no imaginário alucinado do sonho. Nada mais afastado da concepção freudiana do desejo. Teríamos, **em** primeiro lugar, **que** voltar à pulsão: da mesma maneira que não "dá" o objeto, o desejo deve ser **distinguido** da necessidade. Na pulsão não há relação dada, necessária **com** o objeto, enquanto que na necessidade, o objeto está fortemente determinado. Para a fome não há outra saída a não ser o alimento. Pelo mesmo motivo, os sonhos dos exploradores, no pólo, não explicariam aquilo que atua no coração do desejo.

Porém, como entender que o sonho é uma realização de desejos? As respostas foram: dizer que no sonho o desejo se realiza é o mesmo que dizer que no sonho o desejo se articula. Articulação significa, além do mais, elaboração. Que o desejo se elabora no sonho significa que no processo onírico foi introduzido o tempo. Porém, não o tempo talvez muito breve do sonhar, mas sim o tempo suposto pelo trabalho do sonho. **O** desejo se dá tempo no sonho, o que vem contrariar a crença de que

o objeto, na alucinação onírica, entrega-se, de **imediat**o. Porém, o tempo em questão (**ponto difícil**) parece ser correlativo à interpretação psicanalítica do sonho. Em dado sentido, não há trabalho onírico sem esse trabalho de decifração, feito na situação psicanalítica e na transferência.

Em sua segunda conferência, Masotta apontou uma diferença que diz respeito ao lugar do Saber no discurso médico e no discurso psicanalítico. O saber médico — se não de fato, ao menos de direito — sustenta e detém conhecimento sobre o corpo anatômico e orgânico. No discurso psicanalítico, muda o objeto, e, ao mesmo **tem**po, põe-se em dúvida a relação do Saber a esse objeto. O objeto da psicanálise é um sujeito aprisionado em seu corpo erógeno.

A erogenização do corpo tem pré-história, origem, desenvolvimento e história. Os primeiros cuidados que o amor da mãe exerce sobre o corpo da criança situam-se na origem e no fundamento do corpo como ser sexualdo. Mas, essa origem é o começo de um conflito que, de algum modo, permanecerá irresoluto, conflito que, ao mesmo tempo exige resolução. Existe, aí, um nó. O corpo se erogeniza em um mau lugar. Aprende tudo o que se relaciona ou se relacionará **com** a sexualidade, no lugar de seus contatos **com** o corpo também **erogenizado** da mãe. Essa relação **com** a mãe, onde haverá sexo, é uma relação profundamente proibida. Eis, aqui, a proibição do incesto, que é lei antropológica absoluta, já que não existem sociedades onde, de alguma maneira, a mulher do endogrupo não está proibida, é o lugar onde a lei social se **internaliza** e torna-se Eros.

Mas, na medida em que a proibição do incesto é estruturante do corpo erógeno, surge a questão do corte. O sujeito deverá recuperar o positivo daquela relação

para dar-se um destino de ser sexuado. Porém, esse movimento de retenção do aprendido deve ser simultâneo a um ato de despreendimento. O exemplo da impotência no homem indica a conseqüência fatídica e árdua desse corte. A mãe é sustentada na fantasia para **esteiar** o acesso à mulher. Porém, quando o sujeito masculino prepara-se para esse acesso, surge o fantasma da mãe e o incesto como proibição. O sujeito fica paralisado. Isso quer dizer que a história do sujeito como ser sexuado está ligada profundamente **com** esta lei universal. Através do desvio da Lei social, nos vemos conduzidos a tal determinante, que, para a teoria psicanalítica está no fundamento: o Complexo de Édipo.

Pergunta: Masotta entende — creio **compreender** — que nunca há referência a coisas, que somente há significante e falta de objeto. Mas, então, eu perguntaria pela relação do discurso **psicanalítico com** a repressão e os mecanismos repressivos de que a sociedade faz uso. Refiro-me ao dizer "coisas" aos objetos sociais. Por que razão haveremos de preferir a visão lacaniana de Freud, ao invés, por exemplo, do discurso de Reich, ou das tentativas modernas de vincular a psicanálise **com** o **marxismo**?

Outra **pessoa**: Se, como você diz, a psicanálise pouco **tem a ver com** a idéia de assumir coisas, **com** a idéia de assunção, como põem-se em jogo, como são apanhados na cura psicanalítica, os efeitos da repressão?

No que diz respeito a termos como assunção, assumir, direi que se relacionam mais **com** teorias **de** tomar posse de algo por meio da vontade consciente. Portanto, a idéia de "assumir" põe em jogo certas **postulações** éticas. Põe-nas em jogo de início. As operações da prática psicanalítica também estão entrelaçadas, compro-



metidas com a ética. Porém, não a colocam em jogo de início, no sentido de que não é a consciência o que vai estar em **jogo**, mas sim o inconsciente. O postulado ético primordial onde se institui a ética na psicanálise é uma invocação ao "dizer bem". Porém, dizer bem, aqui, não significa nada mais que safar as palavras do peso da **consciência**: é o que se chama associação livre.

Voltemos à história da evolução em Freud da construção da teoria. Poder-se-ia dizer que, no começo, Freud acreditou que a cura consistiria em fazer passar o inconsciente para o consciente. Freud descobre que no passado existia um acontecimento enterrado, carregado libidinalmente, prenhe de culpa, ou seja, um **conteúdo** sexual separado de sua verbalização. Recordar, então, era **abrenunciar**, uma catarse por meio das palavras. Uma representação que pertencia ao inconsciente era ligada à palavra correspondente e o efeito da cura não deveria tardar. Porém, ocorreu que tal idéia da cura não funcionava muito bem. Não bastava "assumir" mediante a verbalização, o acontecimento do passado. Não era seguro que o tratamento **consistisse** somente em fazer passar o inconsciente para o consciente. Ou, em outras palavras: pescar nas águas do inconsciente era algo mais que chegar a conhecer os peixes que habitavam um elemento turvo.

Há uma frase de Freud cuja interpretação depende da idéia que cada um pode fazer da psicanálise, sobre a qual Lacan volta uma e outra vez em suas explicações e seus escritos. É a **famosa**: "*Wo es war, soll ich werden*", cuja tradução literal, grosseiramente falando, **seria**: "Onde o isso (id)<sup>14</sup> foi deve o Ego chegar a ser".

14. "donde eso fue..." — no original. Optamos por acrescentar entre parênteses, id, com a intenção de esclarecer o que exatamente "isso", significa nessa frase.

Interpretou-se, então, que, para Freud, tratava-se, simplesmente, em substituir o Id (o protótipo do inconsciente, uma zona, para esta interpretação, de desordem **pulsional**...) pelo Ego, ou seja, por este princípio de ordem, por esta zona "livre de **conflitos**"! (para usar a frase de Hartmann, Kris et **aia**). O ego deve sobrevir como ego consciente para substituir as obscuras pulsões do Id. Tal interpretação poderia figurar, sem dúvida, no fontispício das ideologias modernas adaptacionistas mais reacionárias.

A interpretação lacaniana é radicalmente **diferente**. Freud veio nos dizer **com** a frase, que, aí, onde o sujeito se encontrava cindido (instabilidade do objeto da pulsão, labirintos do desejo, castração, estrutura do significante), é aí mesmo para onde *é dever* do sujeito dirigir-se, aí onde a pulsão não outorgava Saber do objeto. E, ainda, desta outra maneira: que o que está em jogo é a experiência dessa descentralização do sujeito, no que se refere ao que crê Saber, isto é, uma certa experiência do inconsciente.

Então, a psicanálise aplica-se à estrutura do sujeito, isto é, sobre o lugar que o Saber ocupa nessa estrutura e **não** opera ao contrário (ao menos não unicamente) "*Meu pai morreu — escuta-se dizer — e somente depois de anos pude assumir essa **morte***". Sim, talvez tenha sido possível assumi-la; assumir essa morte que, ocasionalmente, relaciona-se muito **com** esse Saber do qual falamos; mas, sempre será preciso averiguar se essa morte passou, realmente, por certas fases difíceis de se definir, mas que estão ligadas à castração, fases através das quais teria sido possível (provável) uma determinada, individualíssima experiência do inconsciente. Uma "vivência" **disso**: de que não se quer Saber nada, que o Saber é controle patogênico da estrutura da **pul-**

são, do indomável do desejo. Não se trata, então, de "assumir", trata-se de operações de "comprovante da falta."

**Pergunta:** *Esta experiência de que você fala, a da cisão do sujeito e do Saber, está relacionada, por assim dizer, com a elaboração?*

Isso, que na vida cotidiana, os terapeutas chamam "elaboração", pode não se relacionar com a atitude do paciente diante da interpretação. Diz-se que um paciente "elabora" porque aceita as interpretações, porque a relação analítica se torna menos **ádua** do que foi no começo e porque o paciente "**muda**": por exemplo, decide-se casar. Deve-se tomar cuidado com esta maneira de pensar. A elaboração da situação analítica pode não se relacionar com a interpretação. Pode-se analisar e uma análise pode funcionar bastante bem, assim, interpretando-se bem pouco. No limite extremo, poder-se-ia aceitar a idéia de que é possível analisar sem interpretar. Na análise, o silêncio do analista ganha uma dimensão difícil de minimizar.

**Pergunta:** *Se o objeto da relação edípica é dado por procuração e não diretamente, se o menino deseja a mãe, enquanto a mãe é o objeto do desejo do pai, em que consistiria a estrutura edípica: em um menino que viveu ou **com** sua mãe ou **com** seu pai, porém **com** exclusão do outro; **com** um menino, por exemplo, que não conheceu seu pai e jamais viveu **com** ele?*

Percebo em sua pergunta um realismo bem ingênuo. De fato, o modelo do qual tenho falado não está feito, nem serve para tratar de entender nada além dos casos de seu exemplo. Temos, por exemplo, o menino Leonardo da Vinci, filho de um escrivão público e de uma camponesa. Depois que ele nasceu, o pai abando-

nou a mãe, e Leonardo cresceu junto com a mãe. Quando, aos cinco anos, Leonardo reencontrou seu pai, já estava tudo decidido, diz Freud; ou seja, o motivo fundamental de sua escolha de **objeto** homossexual.

Outra **pessoa**: *Você deve responder, ainda, sobre Freud, Reich, Lacan...*

De fato, pretendia fazer **isso**. Porém, é difícil esclarecer rapidamente a pergunta, já que evoca muitas coisas. Se distinguíssemos diferentes níveis, diferentes parâmetros problemáticos, fariamos melhor do que responder diretamente a uma preocupação que coloca tudo em jogo, ao mesmo tempo, sociedade, política e psicanálise. Temos, de um lado, o problema das diferentes tendências psicanalíticas e a **política** somente institucional que cada um realiza em relação às outras ou contra elas. Certa luta, por exemplo, mais ou menos silenciosa das instituições que pertencem à Internacional contra os lacanianos. Depara-se com o problema de que cada teoria define-se em relação às instituições sociais. **O** problema da incidência da psicanálise como instituição **nas diversas** instituições sociais, a escola, os hospitais e, ainda, as prisões. Está em jogo o problema que propunha Reich, o da relação da psicanálise com a “**repressão**” social da sexualidade, sua incidência nas instituições que a sociedade cria para ordenar e controlar a sexualidade.

Em se tratando de Reich, haveria de dizer, em primeiro lugar, e, desafortunadamente, que, quando afirma a necessidade de uma política sexual e se separa de Freud, somente o faz, negando certos fundamentos básicos da teoria freudiana e falseando outros.

Sabe-se: teoricamente falando, Reich estava profundamente equivocado e, **com** os anos, sua teoria deri-

varia em um energeticismo delirante, alheio por completo ao **freudismo**. Seu livro sobre o orgasmo é interessante, porém mostra até que ponto Reich confundia libido com genitalidade. Toda sua teoria derivava do conceito freudiano de "neuroses atuais", **com** o qual, Freud, no começo do desenvolvimento de seu pensamento, designou os males da neurastenia, as dores da hipochondria. Freud achou que estas sintomatologias, por momentos difusas ou abundantes, relacionavam-se, diretamente **com** causas sexuais reais, **atuais**: a masturbação, o coito interrompido. Porém, jamais deixou de distinguir entre essas neuroses "atuais" e o que chamou *psiconeuroses*, cuja etiologia remetia, em primeiro lugar, ao passado, e, em segundo lugar, obrigava a refinar os conceitos teóricos, particularmente os de pulsão, libido e também os que definem os acidentes da situação **psicanalítica**: resistência, transferência. Reich acreditou que a verdade, o útil, ou o que fosse só se situava na primeira metade da teoria, na causa real por mau funcionamento genital, da enfermidade e das perturbações neuróticas. Daí, surge a idéia de que se deve trabalhar no interior dos dispensários sociais, lutar contra a hipocrisia sexual, para produzir efeitos positivos a nível de massa e da classe social. A separação que faz de Freud o conduz, por si mesmo, à psiquiatria social. A teoria freudiana completa não conduziria necessariamente ao mesmo lugar. Reich via uma conexão de necessidade entre a moral sexual social e a luta de classes, e, talvez não estivesse errado. Para Freud interessava-lhe mais desentranhar o que era esse "sexual" a respeito do qual, tanto os hipócritas, como aqueles que lutavam contra a hipocrisia (**como Reich**) pretendiam tudo saber. Mais tarde, Reich demonstraria de fato, que não entendia muito da questão. Porém, ao contrário, não teria sido possível, **com** uma teoria menos equivocada,

tentar abordar esse mesmo campo social, **O** de uma prática social real, esse campo em que, apesar de sua boa vontade, o **próprio** Reich viria fracassar? A questão é complicada e, se tentássemos — da mesma maneira que certos historiadores, que sempre julgam mal o passado e sempre vêem nostalgicamente o fato de que a história poderia ter ocorrido de outro modo — repensar a conjuntura européia dos anos trinta, nós nos veríamos conduzidos a revisar as posições políticas dos partidos comunistas, as ideologias e as transformações dessa ideologia, muitas vezes nada progressista, no tocante à sexualidade. Refiro-me aos grupos marxistas. Como se vê, a conjuntura estava impregnada de equívocos; tratava-se de uma verdadeira encruzilhada onde a boa vontade se entrelaçava **com** a ignorância, onde as armas da crítica com que se pretendia lutar contra a hipocrisia não haviam, elas próprias, passado pela crítica, onde o poder real exercido pelos grupos incidia contra os próprios grupos que entendiam, como Reich e outros, denunciar as misérias sociais da sexualidade, que entendiam como sendo resultado e momento da luta de classes. De qualquer maneira, o problema aberto por Reich ainda se encontra assim e seus difamadores não são aqueles **como** alguns crêem, que promovem a investigação teórica e a prática psicanalítica **em** si mesma. Lacan não se ocupa com Reich, porém a investigação aberta por Lacan não obtura o problema aberto por Reich. **O** próprio Guatari não é discípulo de Lacan? Vocês conhecem os trabalhos de Maud Mannoni **com** crianças que apresentam distúrbios de caráter? Nem a teoria nem a prática psicanalítica contradizem a questão aberta por Reich sobre a psicohigiene sexual não hipócrita e as relações de classe.

## VI

Poderíamos **definir** o Édipo como sendo o lugar onde se historia, na primeira infância, uma função **precisa**: a necessidade de um "corte" na relação entre mãe e filho. Ou seja, uma função capaz de dinamizar, de fazer andar o conflito fundamental, evitar as fixações do sujeito nesse mau lugar onde constitui e erogeniza seu corpo. Se o complexo de Édipo remete, então, ao fato de que a proibição do incesto está inserida na erogenização do corpo, é porque o sujeito se vê, de início, referido aos pólos onde a relação se **constitui**: o pai e a mãe. E está bem falar — dizia **Leclaire** — de pólos e não de personagens, para evitar as imagens, deixar de lado esse ardil que consiste em pensar o pai e a mãe em termos de caracteres e imagens. Esses pólos são funções. Poderíamos **dizer**: a função mãe, a que **referíamos**, determina a história do corpo erógeno. Enquanto que a função pai estará ligada **com** o **efeito** do corte, com a perda obrigatória do objeto primordial e suas seqüelas.

Lendo **com** cuidado os textos freudianos **comprovar-se-á** que o pai em questão no Édipo não é o pai real. Ou que a figura do pai, longe de ser unívoca, dobra-se no material clínico dos pacientes, e que no discurso teórico, **triplica-se**. Não fala Lacan — quando interpreta os

textos freudianos — de pai simbólico, de pai imaginário e de pai real?

Fica pelo menos claro que o pai real não se superpõe à função do pai, ou melhor, que quando falamos de função de corte não nos referimos nem às capacidades nem às propriedades da figura do pai real. Não é fácil de entender: o **pai** é sua função, o que não depende, por exemplo da representação ou da imagem clássica do pai como personagem viril. Se temos insistido tanto sobre a instabilidade do objeto da pulsão é, casualmente, para mostrar que não há virilidade possível no ponto de partida. Quanto ao ponto **de** chegada, somente poderia haver, por isso mesmo, exibição de virilidade, desfile, pavoneamento: nada mais feminino, de fato, que um homem que se exhibe verdadeiramente viril. Ou como dizia **uma** paciente histérica e, exatamente por isso, com capacidade de compreender certas coisas: "Na verdade, só encontrei a virilidade entre as mulheres". **Imagina-se**: não é seguro que um pai viril possa preencher os requisitos da função do pai.

Também não se trata da imagem de um pai forte ou de um pai débil. Não é **fácil**: trata-se do pai como pólo ou lugar capaz de exercer a função de corte, assegurar uma cisão, uma separação. **O** que é que no pai permite reassegurar a proibição do incesto? **O** que é que e, simultaneamente, reassegurar o filho contra os desgastes do corpo erógeno, esse corpo aprendido no fio da contradição e de uma transgressão?

Para esboçar, se **não** a resposta, pelo menos a direção de uma busca, não seria mau retornar a um texto freudiano bastante famoso e nem sempre bem lido. Refiro-me a *Totem e Tabu*. A resposta de Freud no texto para a questão sobre o pai pode vir a ser assombrosa, já que responde que o que assegura, no grupo social, a proi-



**bição** do incesto, não é mais do que o pai morto. A função do pai em *Totem e Tabu* é o pai morto.

Tentemos uma aproximação com o texto. Freud encontra, em primeiro lugar, uma conexão **entre** totemismo e incesto. Freud já sabe da universalidade da proibição do incesto, que não existe sociedade que não incida, de alguma maneira, **na** relação com a mulher do endogrupo. Conecta essa proibição **com** o totemismo: os diversos totens dentro do grupo social cumprem a **função** de resguardar o incesto, na medida que o totem codifica os matrimônios proibidos e os matrimônios permitidos. As sociedades **chamadas** primitivas regulamentam mediante o totemismo — acredita Freud — a ordem de parentesco, o sistema de parentesco. Digamos **que** havia algo que não era correto no raciocínio, **já** que se é certo que a proibição do incesto é uma lei absolutamente universal, o totemismo é um fenômeno etnográfico que não é em **absoluto**, e cuja definição, **além** do mais, tampouco é clara. Levi Strauss assinala que, **como** conceito antropológico o totemismo é duvidoso, e **que** ainda, na história da antropologia, tende a dissolver-se senão **a** desaparecer (**Levi Strauss, Le Totemisme aujourd'hui**).

Porém, há erros fecundos e a história das ciências está impregnada deles. Além do mais, o objetivo da reflexão freudiana se situa mais aquém da veracidade dos dados antropológicos. **O** problema freudiano pertence à ordem do *discurso*, poder-se-ia dizer, e não à ordem dos *dados*. Freud parte da conexão entre totemismo e incesto para perguntar-se, imediatamente, por seu sentido. Por que o totem e as regras que resguardam o animal e regulamentam a conduta em relação a ele, isto é, as proibições que pesam sobre o totem estariam relacionadas **com** a proibição fundamental, o incesto? No capítulo IV do livro define sua posição. Porém, para nós é **impor-**

**tante** destacar da explicação freudiana certas particularidades do discurso ou dos discursos em que a dita explicação se sustenta. Pertence a uma rara espécie essa demonstração que se encontra no capítulo IV, pela qual a proibição do incesto é idêntica à morte do **pai**; a questão e sua solução pertencem à ordem do **discurso**: não se pode falar nem do pai — Freud nos viria dizer — se permanecêssemos em um discurso de um só nível, ou melhor, em um tipo único de discurso. Daí a dificuldade quando se trata de "falar" da função do pai. A questão da função do pai pertence a uma ordem onde é necessário articular e superpor mais de um discurso.

Freud parte em sua "demonstração" de um livro de **W. Robertson Smith** sobre a religião dos semitas, onde o autor expõe a opinião **de** que uma "comida totêmica" formava parte dos rituais que constituíam o totemismo. Para demonstrar sua tese, apoiava-se em um único dado, uma descrição que provinha do século V. Por meio de um conjunto de deduções e também de induções, Freud cria um conjunto de hipóteses. Tal comida, que reunia **os** membros do clã, originava-se em rituais primitivos de sacrifícios de animais aos quais se agregava o ato de comê-los. A comida era comum, estreitava o laço dos membros do clã, ao mesmo **tempo** que o parentesco do clã **com** o animal. Além do mais, mata-se primeiro o animal, chora-se por ele e, ainda, o ato de devorá-lo se constitui em festa. Todo ritual, como sua culminância na festa, representa uma passagem de um tempo profano a um tempo sagrado, comunitário: o proibido ao indivíduo, a devoração do animal totêmico está permitido na reunião do indivíduo ao grupo.

Porém quem é, a quem representa o animal que está em jogo no ritual? Esse animal morto e chorado, responde Freud, não pode ser outro que não o pai.

Mas, o interessante é a maneira **com** que Freud chega a esta **conclusão**: comparando os dados das hipóteses dedutivas de Robertson Smith com seus próprios dados teóricos. A observação das fobias infantis, diz, nos tem ensinado que o animal temido simboliza o pai. Quero dizer — Freud opera — se me permitem expressar assim — **superpcndo** discursos que pertencem a níveis diferentes. Dos dados construídos pelo antropólogo, passa, e não sem certa audácia, aos dados e conceitos que pertencem a seu próprio **campo**: da festa à fobia. E, simultaneamente, o inverso: a atitude ambivalente da criança no que diz respeito ao pai se estenderia, diz Freud, ao animal totêmico. Porém, ainda Freud persiste no método, sugere que para provar que a conexão está correta é preciso apoiá-la na "hipótese" **darwiniana** do estado primitivo ("a horda selvagem") da sociedade humana. "Confrontando nossa concepção **psic**alítica do totem com o fato da comida totêmica e com **a** hipótese **darwiniana** do estado primitivo da sociedade humana, revela-se para nós a possibilidade de chegar a entender melhor estes problemas e antevemos uma hipótese que pode parecer fantástica, porém que apresenta a vantagem de reduzir a **uma** unidade insuspeita, séries de fenômenos até agora desconexos" (Obras Completas, II. p. 496). As hipóteses aqui dependem, logo se vê, não tanto do aspecto fantástico dos pressupostos mas sim de uma sucessão de *bricolage* dos discursos.

Porém, sigamos **com** o raciocínio. No começo, a sociedade estava constituída por uma horda selvagem dominada pelo pai, o único que tinha acesso às mulheres do grupo. **O** domínio deste macho poderoso desperta o ódio dos irmãos, os quais conspiram para matar o pai e apoderarem-se das mulheres a cujo gozo só ele tem acesso. Consumado o ato, o que é que ocorre? **O** que ocorre, em primeiro lugar, é um **novo** corte no **discurso**: a **lin-**

**guagem** mítica darwiniana é abandonada agora em favor da observação etnográfica. De fato, consumado o crime contra o pai, cuja causa **motivadora** é **apoderarem-se** das mulheres do grupo, não se vê bem porque — reflete Freud — as mulheres do **endogrupo** estão proibidas para os homens do mesmo **grupo**: ou **seja**, que ainda as sociedades mais atrasadas, essas sociedades australianas sobre as quais Freud reflete na primeira página de *Totem e Tabu*, não deixam de observar a lei da proibição. **O** elemento de conexão, agora, é **dizer** as razões que permitirão explicar essa passagem, **essa** transformação onde o resultado não coincide com o motivo, o conseguido **com** o esperado, não é outro que não a culpa. Uma vez morto o pai, satisfeitos os sentimentos hostis e o ódio, surge o amor. **O** resultado desta ambivalência *a posteriori* é o sentimento de culpa. Eis o elemento de conexão, assinala Freud, que explica a transformação por onde o assassinato do pai pelos irmãos, que deveria ter conduzido à apropriação **das mulheres** do grupo pelos homens, culmina no **contrário**: os homens se proíbem p acesso a elas. **A** culpa se alimenta de obediência ao pai depois da sua morte. Surge, então, um verdadeiro conceito, ao nosso ver, capaz de explicar a universalidade da lei, da proibição do incesto; é a "obediência retrospectiva" (Obras Completas II, pp. 496-7).

Estranho relato, alguns dirão. Responderia que nada tem de estranho e que, ao contrário, remete a uma **lógica** difícil. A morte do pai assegura, via obediência retrospectiva, a norma social por antonomásia, a barreira que impede o acesso do indivíduo à mulher do grupo. Poder-se-ia, também, dizer que o que possibilita e assegura, segundo a lógica do discurso, a expulsão do indivíduo do grupo, a proibição das mulheres do endogrupo, e, por isso mesmo, abre ao Sujeito a porta obriga-

**tória** em matéria de gozo sexual, até outros grupos sociais, não é mais que essa referência a esse pai morto assassinado (ausente, porque **morto**), ele que somente aparece — não **há** porquê esquecê-lo — no meio do discurso mítico.

Não é o relato, nem a lógica que o permeia, que é estranho, mas sim o fato enigmático de que recorreu a diferentes tipos, a diferentes níveis de **discursos**: o discurso das induções antropológicas, o discurso das comprovações teórico-práticas da psicanálise, o discurso da observação etnográfica. Uma verdadeira superposição de discursos, a que, ao contrário, não carece **de** articulação: o básico, “**a** obediência retrospectiva” sela a pertinência do conjunto ao campo da psicanálise. **O** que pode escandalizar, ou melhor, o que deveria escandalizar, não é tanto a referência fantástica, a morte do pai no tempo mítico da horda, mas sim a utilização, a mescla **de** diversos tipos de discursos. Poder-se-ia dizer, o discurso freudiano não se **mantém**. Ou melhor, somente se sustenta **sob** a condição de saltar alegremente os degraus, de passar sem aviso e sem transição de nível para nível.

Alegre leviandade da demonstração que deixa suspeitar a **existência** de algum princípio ditirâmico, nietzchiano na obra de Freud. Que seja, porém **com** a condição de não esquecer que Nietzsche falava mais sobre a vida, enquanto Freud utiliza o discurso para falar sobre o discurso. Porém, sejamos simples. *Totem e Tabu* é um texto de primeira linha, já que nos informa esta boa nova, difícil, **sem** dúvida de **assimilar**: que não se pode “falar” sobre a função do pai, mantendo-se em um só nível do discurso, ou melhor, que dita função remete a um campo cuja existência permanece à distância dos

objetos que na vida cotidiana nos parecem meramente reais, sejam estas representações ou imagens.

Como é possível que um ato fantástico, o assassinato do pai, conduza à coroação da proibição do incesto como lei? Este tipo de pergunta nos introduz ao tema que pretendo introduzir a minha audiência: a psicanálise. A questão, aqui, é um problema de discursos. Porém, observa-se, ao menos, que na demonstração freudiana existe, pelo menos dois tempos, dois momentos distintos, dois tempos na sucessão. A idéia de uma "obediência retrospectiva" evoca esses dois momentos: o tempo do assassinato, o tempo dos efeitos. Para que a função do pai (o pai morto) possa exercer a função de "corte" (a proibição do incesto) é preciso que opere a temporalidade própria da culpa, o efeito *a posteriori* da obediência retrospectiva.

Referindo-se ao Édipo, Lacan também fala de "tempos". Mantendo certa distância do tipo de hipótese e da lógica de *Totem e Tabu*, mas utilizando um tipo **de-discurso** que não oculta os pontos em comum com as demonstrações freudianas, Lacan divide o Édipo — em primeiro lugar, por motivos pedagógicos — em três tempos.

*Primeiro tempo:* É o do idílio amoroso da mãe **com** o filho, amor atravessado que rói a erogenização do corpo do filho: idílio em mau lugar — que me parece que Rousseau ignorou — onde o imediato da relação dos corpos está tolhido pela proibição. Entende-se que os acidentes desse idílio não carecem de importância para a clínica e não unicamente no tratamento de crianças. Ocorre que, na relação entre a mãe e o filho, organizam-se, já em idade precoce, todos esses gastos de sedução recíprocos, cujo conteúdo ilusório — mas não por isso não menos patogênico — significa certa **trans-**

gressão da proibição, momento onde importa, pode-se adivinhar, a própria neurose da mãe, sua capacidade de emitir mensagens de sedução, de **cuja** interpretação pelo filho dependerá parte de seu futuro de ser sexuado (porém deveria dedicar mais tempo nesta última expressão). Sobre o horizonte da proibição, horizonte que é o mais próximo, surge, então, ou já está aí, o esboço da figura capaz de fazer-se de veículo da lei social de estruturar o interior das proximidades, reacomodar as certezas que definem o idílio **mãe-filho**. Essa figura é o **pai**: mas a função do pai, todavia, não está aí.

*Segundo tempo*: Emerge, aqui, o pai como figura capaz de realizar a função de corte. É o momento que Lacan chama "pai terrível"; dupla proibição: para a mãe, "não deves incorporar aquele que concebeste"; ao filho: "não dormirás **com** tua mãe".

*Terceiro tempo*: Reaparece o pai, porém sob a forma de pai permissivo, condição de acesso à mulher sob o modelo da mãe proibida. **O** pai se **oferece** como pólo das identificações sexuais do filho e, simultaneamente, de seus ideais sociais. Esta estrutura introduz como questão, o problema das identificações, que não poderíamos abordar aqui. No entanto, deve-se recordar que o pólo da identificação é o pólo desejante, de cujo desejo depende a determinação do objeto para o sujeito. Identificar-se é entrar (**histericamente?**) na ronda do desejo. Qual é, então, o valor da identificação na normatização da sexualidade do filho?

Retornemos ao segundo tempo. **O** que há para entender por pai terrível? Vemo-nos, assim, remetidos de uma linguagem aceitável ao **bricolage** de *Totem e Tabu*. Aqui se fala do assassinato mítico do pai, ali da capacidade de espanto do filho. Não é fácil "falar" sobre o pai, vê-se, sobretudo, quando o que está em jogo é aquela

referência do Eros à palavra. No limite, o pai é aquele — diz Lacan — que poderia pronunciar esta frase impronunciável: "Eu sou o **que** sou". Porém, se sabe que o pai, ou como se **queira**, que a função do pai **não** é Deus. A religião, para Freud, e mais além de toda discussão a respeito, é neurose obsessiva. Como pronunciar tamanha frase sem cair no ridículo? Como é possível que um pai real se sustente em tal encruzilhada? Ao conflito de base que selava a erogenização do corpo, soma-se o conflito que corrói o próprio lugar daquele que deveria assegurar esse corte por onde o filho pudesse dinamizar as ilusões de sua relação **com** o objeto primordial. Entende-se de onde vem essa tentação sempre realizada, **a** nível dos costumes sociais, por onde a figura do pai fica identificada diretamente à figura de autoridade? Definitivamente — e oxalá comecem a poder ouvir do que se fala nesse lugar ao que pretendo introduzi-los —: pulsão sem objeto determinado, desejo que se alimenta de sua insatisfação, erogenização do corpo em **um** mau lugar, falhas da função (o pai) que deve reassegurar um destino ao filho, de uma história por vir. Existe **uma** frase de Lacan que fecha sua *Télévision* (Paris, **seuil**, 1974) que resume, sem dúvida, economicamente, tal desenvolvimento :

"Do que perdura de pura perda ao que aposta do pai ao pior".

Resumo de A. Berenstein. *Na última conferência Masotta nos introduz completamente na temática do complexo de Édipo, a função da Lei. Certa operação constitutiva remete à Lei **que** assegura o corte das relações da mãe **com** o filho, permite que o sujeito possa ter um destino sexual.*

*Na estrutura Edípica, não se trata de imagens, mas sim de funções: a função da **mãe**, que se relaciona **com***



a primeira erogenização do corpo; a função do pai, que assegura o fim da relação **com** o objeto primordial, a mãe. **O** pai em questão, não confundir **com** o pai real, deve-se superar uma temática de imagens; o poder, o pai como autoridade, o pai viril — toda apresentação viril do homem é sempre ridícula —; a questão do pai débil. Faz-se referência, então, a Totem e Tabu, trabalho que gira em torno da função do pai e da proibição do incesto. Freud dirá que o Totem é o pai e evocará a proibição, dentro do sistema totêmico de matar o animal totêmico. Porém no tempo sagrado da festa, tempo sacramental de sacrifícios e alvoroço, os indivíduos do clã matam o totem e o devoram. **O** discurso freudiano aceita facilmente a explicação mítica. Os irmãos da tribo assassinaram o pai para apoderar-se das mulheres que somente aquele gozava. A nível sociológico, observava-se, ao contrário, que não existe sociedade que não proíba **o** acesso às mulheres do endogrupo. A ambivalência dos sentimentos em relação ao pai, mais a culpa que resulta dessa ambivalência conduzem à "obediência **retrospectiva**". Buscava-se a apropriação das mulheres do grupo, termina-se em uma barreira que impede o acesso a elas. **O** pai edípico é o pai morto. Nem real nem imaginário, o pai aparece — assassinado — no interior do discurso mítico. **O** relato freudiano, finalmente, evoca a aparição de uma **temporalidade après-coup**:<sup>15</sup> os filhos obedecem, mas depois de ter perpetuado o fato, retrospectivamente.

Lacan, também, fala de tempos. Masotta se refere à descrição **lacaniana** dos três tempos do Édipo (Seminário sobre "As formações do **inconsciente**"). **O** primeiro tempo remete às seduções e à relação ilusória da mãe e do filho. Lugar da erogenização do corpo, aqui, então,

15. **après-coup** — no original. A tradução literal seria: **após-golpe**.

*já se adere a ele a proibição do incesto. Sobre o horizonte da relação idílica, **erogenizante**, aguarda o pai, que surgirá como proibidor no segundo tempo. Momento do pai terrível cuja função é assegurar o corte. No terceiro tempo, o **pai** torna-se permissivo: é o pólo das identificações edípicas. Porém, a noção de identificação não é fácil nem tampouco sua função de análise.*

Pergunta: *Nenhum homem no limite poderia pronunciar a frase "Eu sou o que **sou**". Não é assim? Que pai real poderia pronunciar tal frase? Correto. Porém, aparece uma dúvida. Não estamos falando do pai real depois de dizer que não se trata do pai real?*

Pergunta estranha. Parece que está mal formulada, porém não é assim. É como se você se embrulhasse no discurso. Põe-se, **você**, a andar por um lado de Moebius em cujo piso vê inscrito que não existe pai real, você segue caminhando e sem atravessar nenhuma margem você começa a ler que existe pai real. Se Lacan estivesse entre nós, creio que se regozijaria. Respondo-lhe que mostrar a função do pai lida **com** o ridículo, é o mesmo que dizer que não se pode partir do pai real. Há algo que ainda não disse, mas que poderia formular **agora**: pensar a função do pai é afastar a figura das realidades para aproximá-la das funções e das ausências. Temos um tipo de ausência particular, que é a morte concreta. Em tal pendente, temos a **hostilidade** do menino para **com** o pai. Ela deve ter algo a ver **com** o discurso mítico. A morte do pai, fantasiada na hostilidade, é o que encontramos em *Totem e Tabu*. Em resumo, parece que existe uma função positiva da ausência do pai. Porém, esta ausência não está relacionada **com** a ausência real, cujo efeito poderia ser bastante patogênico. Não é **necessário** que o pai falte para que falte — diz Lacan —; do mesmo modo, não é preciso que não esteja presente

para que falte. Há, então, uma função eficaz da falta. Falando de desejo, dizíamos **que** o desejo resguarda a **falta**. O pai deve poder não "sufocar" o sujeito nos momentos de sua constituição. Em um sentido, é uma sorte que no limite, o lugar do pai seja insuportável.

**Pergunta:** *A partir da proibição do incesto, de onde você parte, deveria poder falar-se de enfermidade e normalidade. Porém, ao mesmo tempo, o incesto, às vezes, se realiza. A psicanálise que não valoriza a normalidade — você falou entre aspas de "normalidade" — e que parte do patogênico...*

Nenhuma norma social conseguiu que suas exigências se cumprissem em todos os casos. O incesto existe, tem existido, segue existindo. Está bem recordá-lo às vezes se o esquece. Porém, a existência do incesto depende da Lei. O problema é: quem na família ocidental, ao menos, deve assegurar o cumprimento da Lei, é o pai. Porém, dadas as características da dificuldade de seu lugar, é o que eu queria acentuar, sempre há transgressão. Há transgressão a um nível que não é exatamente o das condutas sociais reais, porém, transgressão no final. A psicanálise é difícil, nessas areias movediças deve mover-se o analista. A questão do pai se dirime — a nível de observação — entre estes dois pólos: ou o pai está ausente e é o caso dos transtornos neuróticos de Leonardo; ou o pai está presente, porém, tem, você, então, a loucura do presidente Schrober.

**Pergunta:** *Tem a psicanálise como função, como finalidade a resolução dos conflitos?*

Deveria responder que sim. Porém, o conflito básico é que o sujeito não quer saber que não existe Saber do objeto, e, por outro lado, está o desejo. Resolver o conflito significará, por um lado, uma certa experiência do

inconsciente, por outro, ser capaz de caminhar na direção do **desejo**...

**Pergunta:** *Na relação analítica é o analista ou o analisado o que realiza a parte ativa no descobrimento dos conflitos?*

Os termos “**pacientes**” ou “analisados” deveriam ser **abandonados**: são **passivos**... Seria melhor dizer “**analisante**” ao invés de “analisado”. De **fato**, sem a participação mais que ativa do “**analisante**” não há análise possível. Porém, creio que já é **suficiente**: já temos, hoje, cinco horas de trabalho **juntos**...